

MARIA JOSÉ DA COSTA TEIXEIRA



Maria José da Costa Teixeira

A Linguagem Radiofónica - O caso da Rádio Fundação

JANEIRO/01

MARIA JOSÉ DA COSTA TEIXEIRA

A Linguagem Radiofónica - O caso da Rádio Fundação

**Monografia apresentada à
Universidade Fernando
Pessoa como parte dos
requisitos para obtenção do
grau de licenciada em
Ciências da comunicação.**

SUMÁRIO

O trabalho apresentado pretende dar uma visão global da linguagem radiofónica, desde o elemento básico da rádio que é o som, até à construção da informação radiofónica bem como abordar os géneros jornalísticos mais frequentes nas rádios, fazendo-se depois, uma análise a nível da linguagem noticiosa de uma rádio local de Guimarães.

A monografia está dividida em duas partes. Na primeira parte, de carácter teórico, é abordada a rádio em termos das funções que desempenha e deve desempenhar enquanto meio de comunicação de massas, bem como as características deste meio. Ainda nesta primeira parte está inserida a linguagem radiofónica e suas características, as particularidades da construção do texto radiofónico e os géneros jornalísticos mais utilizados nas rádios portuguesas. É nesta primeira fase que se apresenta a postura do jornalista de rádio tanto em termos de redacção das peças noticiosas (a nível da pontuação, estrutura gramatical e linguagem) como também na forma como ele as diz e as transmite ao ouvinte.

A segunda parte, de carácter teórico-prático, diz respeito à análise da linguagem de uma rádio local situada em Guimarães, a Rádio Fundação. Nesta fase apresenta-se a rádio em termos de espaço físico, meios técnicos e humanos. Expõe-se também, de uma forma sucinta, a programação da Rádio Fundação, fazendo-se referência à quantidade e periodicidade dos programas de animação e de informação. É feita uma análise de um noticiário e dos géneros jornalísticos utilizados pela Rádio Fundação, tanto a nível da linguagem como da estrutura gramatical que a compõe.

DEDICATÓRIAS

Aos meus pais pelo grande esforço.

Aos meus irmãos por todo o apoio.

Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família por todo esforço e apoio que me deram ao longo de toda a minha vida de estudante, principalmente durante estes últimos quatro anos.

Agradeço a todos os professores que me incutiram o fascínio pelo jornalismo, principalmente ao professor Rui de Melo, Ricardo Pinto e Jorge Pedro Sousa.

Ao professor Fernando Mauíá um obrigado muito especial por todo o apoio, empenho e paciência.

A todos os meus amigos que sempre estiveram presentes e sempre souberam dar os melhores conselhos.

ÍNDICE GERAL

Sumário.....	I
Dedicatórias.....	II
Agradecimentos.....	III
Introdução.....	1

PARTE I

1. A RÁDIO.....	3
1.1 Características do <i>medium</i> Rádio.....	3
1.2 Funções da Rádio.....	9
2. A LINGUAGEM RADIOFÔNICA.....	13
2.1 Som, ruído e silêncio.....	13
2.2 Linguagem verbal.....	16
2.3 Linguagem musical.....	18
2.4 Efeitos sonoros.....	20
3. CONSTRUÇÃO DO TEXTO INFORMATIVO RADIOFÔNICO.....	22

3.1 O texto informativo radiofónico.....	22
3.2 Erros, tiques e bengalas na linguagem radiofónica.....	26
4. OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS MAIS FREQUENTES.....	28
4.1 A notícia.....	28
4.2 A crónica.....	31
4.3 O Flash.....	33
4.4 A reportagem.....	34
4.5 A entrevista.....	38
4.5 A revista de Imprensa.....	42

PARTE II

1. A RÁDIO FUNDAÇÃO.....	43
2. A PROGRAMAÇÃO.....	42
2.1 O entretenimento.....	45
2.2 A informação.....	46
3. A RECOLHA DE INFORMAÇÃO.....	48
4. OS NOTICIÁRIOS	49

4.1 Análise e correcção.....	50
5. OS OUTROS GÉNEROS	55
5.1 A revista de imprensa.....	55
5.2 A crónica.....	58
5.3 A reportagem.....	60
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	66
 ANEXOS	
Noticiário.....	i
Notícia.....	iii
Revista de Imprensa.....	v
Crónica.....	xiii
Reportagem.....	xi

INTRODUÇÃO

Um dos objectivos deste trabalho é fazer uma abordagem da Rádio, a nível das suas funções e características, enquanto meio de comunicação de massas. A linguagem radiofónica (som, ruído, silêncio, linguagem verbal, musical e efeitos sonoros), a construção do texto radiofónico (pontuação e sintaxe, nomeadamente dos erros que se cometem) e, finalmente, os géneros jornalísticos mais frequentes nas rádios portuguesas é outro dos objectivos.

Analisar a linguagem radiofónica da Rádio Fundação é, também, um propósito porque, a Rádio Fundação, é uma estação que, por um lado, nunca emitiu com o objectivo de estar no topo das audiências, primando sempre pela seriedade e profissionalismo na divulgação de acontecimentos, por outro lado porque, mesmo com esta filosofia, sempre esteve no topo a nível das audiências na região.

Com o estudo deste caso prático pretende-se, em primeiro lugar, conhecer e dar a conhecer a Rádio Fundação tanto a nível de meios técnicos, humanos e físicos como da sua programação. Em segundo lugar, saber até que ponto é que os profissionais daquela rádio seguem correctamente as regras da sintaxe e da expressão oral quando confeccionam e divulgam as peças noticiosas. Saber quantos noticiários tem por dia, o tempo de duração de cada um, quantas peças inclui nos blocos informativos, quais os géneros jornalísticos que apresenta e qual o processo de recolha de informação são outros objectivos a que a aluna se propõe investigar.

A escolha do tema, em geral, - A Linguagem Radiofónica - foi devido ao enorme gosto que a aluna tem por este media e pelas descobertas e aprendizagem que fez, tanto a nível de postura, como em questões gramaticais e expressão oral, quando teve aulas práticas de rádio. Em particular a escolha da Rádio Fundação - deve-se ao facto de ter sido a primeira rádio local em que a aluna fez um estágio, estando em contacto directo com os profissionais e com toda a sua política editorial.

Relativamente ao estudo do caso prático, foi feito um estudo de campo no qual a aluna esteve cerca de quatro semanas em contacto directo com os profissionais de Rádio

Fundação. Foi ainda necessário ouvir a Rádio Fundação, para ter uma noção mais clara do seu funcionamento, da sua programação e dos seus conteúdos, durante cerca de quatro semanas.

Durante o período de audição da Rádio Fundação procedeu-se, também, à gravação dos géneros jornalísticos que esta divulga de forma a que fosse possível a análise posterior.

A pesquisa e análise bibliográfica (em várias bibliotecas) foram também elementos fundamentais para que fosse possível a passagem à prática.

Em suma, este trabalho contribuiu para que a aluna aprofundasse os seus conhecimentos a nível das exigências do media rádio relativamente à linguagem, à redacção do texto noticioso radiofónico e para que ficasse a conhecer um pouco mais da Rádio Fundação, a nível dos meios que tem ao seu dispor, da sua programação e da linguagem utilizada.

PARTE I

1. A RÁDIO

1.1 AS CARACTERÍSTICAS DO MEDIUM RÁDIO

A rádio foi o primeiro meio de comunicação com capacidade para os directos na cobertura jornalística dos acontecimentos. Com o aparecimento da rádio, os outros meios de comunicação (impressos) tiveram de se adaptar à existência do novo meio, e cada um deles adoptou um conjunto de características específicas que os definem e os diferenciam uns dos outros.

A rádio caracteriza-se, entre outras formas, pelo seu imediatismo (capacidade de transmitir os acontecimentos no momento em que eles se produzem e desenvolvem), instantaneidade (possibilidade de atingir milhões de pessoas no momento em que emite; mais concretamente os ouvintes que estiverem expostos ao meio naquele momento) e simultaneidade (todos podem captar os conteúdos radiofónicos ao mesmo tempo) na difusão da mensagem.

Para além destas três particularidades, podemos incluir outros factores que a diferenciam dos restantes meios de difusão de massas, pela sua fácil penetração nos diversos locais em que se encontra o destinatário, a economia de custos, a popularidade, a adaptabilidade às necessidades do público, a fugacidade e a ligeireza.

Tendo em atenção todas as características que lhe são intrínsecas, podemos afirmar que a rádio é "(...)o melhor e mais eficaz meio ao serviço da transmissão de fatos actuais", (Prado, 1989 p. 18). Quando comparada com a televisão, esta fica muito aquém das possibilidades da rádio. Com base nas características inerentes ao meio radiofónico, o mesmo autor, refere ainda que:

“Para aqueles que estão pensando que a televisão também goza das mesmas características, sugerimos que pensem no deslocamento de equipas técnicas que devem atender à simultaneidade e instantaneidade, o que faz com que, de qualquer forma, seja o rádio quem vença o jogo da rapidez.”

Relativamente a este último elemento, a rapidez com que se transmitem as informações, a rádio ultrapassa os outros órgãos de comunicação, uma vez que os meios técnicos exigidos para a transmissão da mensagem são menos complexos do que os exigidos pela televisão e menos morosos do que, por exemplo, na confecção do jornal. No que concerne a esta questão, Vítor Silva Lopes (1982, p. 69) defende que “nenhum outro meio pode competir com a rádio na rapidez de servir o público em notícias. A técnica permite enviar notícias em poucos segundos e, por vezes, no mesmo instante que se produzem.”

Em rádio um simples telefone pode pôr no ar o jornalista que está no local do acontecimento enquanto que em televisão é necessário deslocar um jornalista, um operador de câmara, enfim uma equipa técnica para cobrir um acontecimento.

Outro factor que faz com que a rádio esteja no topo, a nível da rapidez, é o facto de a notícia radiofónica ser mais iminentemente transmitida. Na televisão, este processo demora mais tempo uma vez que há um conjunto de procedimentos antes da notícia ir para o ar (selecção de imagens, gravação da *voz-off*, edição, etc.). A rapidez e a imediatez proporcionam à rádio a possibilidade do directo. "O directo é a vocação da rádio. Ele traz vida e funciona como uma janela aberta para o mundo", (Lopes, 1982, p. 82).

A rádio continua a possuir o monopólio da rapidez uma vez que não segue por caminhos tão trabalhosos como a imprensa ou a televisão.

No entanto, esta característica, também tem uma faceta negativa: “a rapidez é inimiga da profundidade. E a profundidade da distração.” (Lopes, 1982, p. 83). A pressão exercida pelo tempo acaba por trazer consequências à construção do próprio texto que, geralmente, é pouco desenvolvido, questão que pode ser sempre ultrapassada uma vez que, em rádio, pode haver actualização informativa de hora a hora.

A rádio, continua a ser o meio de comunicação que chega mais facilmente ao público, já que não utiliza um processo complexo na distribuição. A transmissão das mensagens sonoras é feita, predominantemente por ondas hertzianas facilitando, assim, o acesso a todos os lugares do mundo. As fronteiras geográficas não constituem um problema para a transmissão porque "(...)sus mensajes los llevan las ondas a las grandes ciudades y a los pequeños pueblos de una

nación o, atravesando las fronteras, a países lejanos y desconocidos(...). (Benito, 1991, p.1207). Até mesmo nos momentos de conflitos armados entre países, a rádio "(...) es el único medio capaz de cruzar las trincheras y llevar los mensajes de unas retaguardas a otras." (Benito, 1991, p. 1207). Jean Cazeneuve (1976, p. 248) defende que a radiofonia "(...) tem uma possibilidade de acção internacional bem maior que a televisão, não podendo esta, no estado actual das técnicas, ultrapassar as fronteiras senão a uma curta distância."

A rádio destrói também as barreiras políticas, "(...) não há fronteiras entre Estados que impeçam a propagação das ondas electromagnéticas, nem decreto-lei que consiga, com eficácia, proibir a recepção radiofónica." (Praça e Gomes, 1981, p. 279).

Em termos de custos, a rádio ainda é o meio de comunicação mais económico. De acordo com Angel Benito (1991, p. 1206):

"El medio radiofonico es barato en muchos sentidos. En primer lugar, la captación da un programa radiofónico solo requiere un pequeño sesembolso inicial para la compra de un receptor, que se puede encontrar en el mercado por unos cientos de pesetas. En segundo lugar, la infraestructura de transmisión es barata y los estudios se pueden instalar en un espacio reducido y, por ultimo, la continuidad de una rádio se puede lograr con escasos gastos de funcionamiento y de personal."

A popularidade é outra característica deste meio por diversos factores. A utilização de uma linguagem simples, menos elaborada, mais directa e mais próxima de um sistema normal de comunicação faz com que a sua aceitação junto das audiências seja maior do que a de qualquer outro meio de comunicação, por um lado porque o ouvinte fica com a sensação de que o locutor está a falar directamente só para ele, que a mensagem lhe diz respeito. Por outro lado, deve-se ao facto de ela proporcionar ao público a possibilidade de participar nas emissões. A interactividade confere-lhe uma imagem de popularidade e intimidade entre emissor e receptor levando a que a aceitação por parte do público seja mais intensa.

"A rádio é participativa. Permite a resposta imediata do receptor. O ouvinte pode ser, ao mesmo tempo, emissor de informação. (...) a ausência de resposta do receptor inviabiliza a «comunicação» emissor - receptor, levando mesmo, em casos extremos, à «morte» do «medium»." (Gomes et al., 1981, p. 301).

A rádio tem uma capacidade de cativar e sensibilizar as pessoas, tanto pela diversidade de programas, como pela forma como os locutores se dirigem ao ouvinte e ainda pela facilidade que há em transportar-se o aparelho para qualquer sítio. Marshall McLuhan (1964, p.335) defende que:

"O poder que a rádio tem em envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho de rádio, durante os seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transístores que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões."

A audiência da rádio é muito heterogénea. Praticamente toda a gente, dos países desenvolvidos, possui um aparelho receptor, desde o mais intelectual ao mais iletrado. Uma das razões que torna a rádio um meio tão popular é o facto de esta ter a "(...) capacidade de se comunicar com um público que não necessita de uma formação específica para descodificar a mensagem." (Prado, 1989, p. 28).

A rádio tem de satisfazer as necessidades de cada ouvinte. Para isso, nada melhor do que criar programas específicos que vão ao encontro dos interesses de cada um. Actualmente há, também, rádios cuja programação é feita em função de uma audiência minoritária, mas, no entanto, fiel à emissora. Não é por acaso que existem rádios que se dedicam quase totalmente às notícias (como é o caso da TSF), outras que têm como prioridade, na sua programação, a música (como a Antena 3 e a Rádio Comercial). Há também as generalistas que tentam agradar toda a gente alternando, para isso, os tipos de programas (tal como a RFM).

Adaptar-se às necessidades da audiência tem que ser uma das prioridades da rádio, uma vez que não existe apenas uma estação de rádio, mas sim centenas delas e, para além da concorrência entre rádios, é importante não esquecer que a televisão pode ser um concorrente com grandes potenciais.

Há também elementos negativos que definem este meio. Um dos factores que tornam a rádio mais frágil é a 'fugacidade' da mensagem radiofónica. A rádio "(...) não permite a releitura (reaudição) da mensagem. É irrepetível, originando por vezes incompreensão e até maus entendidos no auditor." (Adelino Gomes et al., 1981, p. 306). Em rádio as palavras 'voam',

não têm permanência nem no tempo nem no espaço. Relativamente a este 'contra', a rádio está, sem dúvida, em desvantagem comparativamente aos outros meios de comunicação. A televisão, apesar de também ter uma mensagem efêmera, tem sempre o complemento da imagem, o que ajuda na compreensão, funcionando como um suporte que ajuda a contextualizar e a memorizar o acontecimento. No que diz respeito à imprensa, é absurdo competir a este nível, uma vez que o jornal é um suporte físico, ao qual se pode recorrer sempre que surjam quaisquer tipos de dúvidas. Os jornais podem dar "(...) os pormenores, um certo enquadramento histórico, uma outra perspectiva crítica, mais profunda, mais elaborada." (Gomes et al., 1981, p. 307).

A ligeireza é outra qualidade da rádio. As características inerentes ao meio fazem com que esta se torne a mais leve. O tipo de programação e a alternância dos seus conteúdos também ajudam fazer que o meio radiofónico seja o mais suave de todos os órgãos de comunicação. Se, no âmbito da efemeridade das mensagens, a rádio estava em desvantagem em relação à imprensa, em termos de ligeireza a rádio tem um forte avanço. A imprensa é muito mais enfadonha, mas "(...)un informativo de media hora puede equivaler en palabras a las contenidas en una pagina de periodico." (Benito, 1991, p. 1207).

Para além destas especificidades que definem a rádio, há ainda outras que a tornam num meio singular e muito próprio. Uma delas é a capacidade que a rádio tem para despertar a imaginação. A rádio faz sonhar, faz o ouvinte ultrapassar as fronteiras do real e, por instantes, viver num mundo de ilusão, um mundo muito próprio que lhe propicia prazer. Fazendo uma retrospectiva da importância da rádio, Adelino Gomes et al (1981, p. 300).dizem que:

"A rádio do pós-guerra, nos Estados Unidos e na Europa, foi uma poderosa máquina de evasão e fabricação de sonhos dourados. Com as revistas sentimentais, as rádio-novelas (e hoje as telenovelas) construíram um mundo de fadas e super-homens."

Actualmente não é só a rádio que nos transporta para o mundo dos sonhos. A televisão e o cinema conseguem também criar uma realidade onírica através das palavras, do som ambiente, do choro e do riso.

A rádio, com concorrentes poderosos ao seu lado, aposta a fundo nas características em que é insubstituível: rapidez; dá notícias de hora a hora e interrompe as emissões se algo de importante acontece; é mais barata do que a televisão; elabora programas para públicos restritos e heterogéneos; exige menos mobilização dos sentidos; não hesita em oferecer programas cujo fim é servir de companhia ou de fundo sonoro; é mais leve; salta de tema em tema; faz ligações para o 'fim do mundo'; põe o ouvinte a falar e dá-lhe a ouvir uma multiplicidade de sons .

1.2. AS FUNÇÕES DA RÁDIO

A rádio, como os outros meios de comunicação social, cumpre quatro funções principais: persuadir, entreter, formar e informar. Estas quatro componentes estão presentes em qualquer programa radiofónico, embora assumam uma importância diferente, dependendo da especificidade de cada programa.

Por exemplo: num programa musical a função de entretenimento é a que tem maior peso. No entanto, não significa que o programa não seja informativo, formativo ou que não tenha uma componente persuasiva. Qualquer programa radiofónico tem que, *à priori*, chamar a atenção do ouvinte e, se tal não acontecer, os resultados ao nível da audiência serão pouco animadores.

Actualmente a função persuasiva está presente em qualquer anúncio publicitário ou no discurso dos vendedores. Em todos os meios de comunicação, a persuasão acompanha praticamente todo o discurso de oferta de serviços, integrados numa sociedade em que se assiste a uma concorrência feroz e onde a persuasão funciona como uma ‘arma’ para chamar a atenção das pessoas.

Neste panorama, os meios de comunicação tentam também captar a atenção dos ouvintes, espectadores ou leitores. Nesta realidade, a rádio, sendo um meio que carece de imagem visual e cuja mensagem só permanece no tempo durante uns curtos momentos, está, de certa forma, em desvantagem em relação aos outros meios de comunicação. Cabe-lhe, então, utilizar da melhor forma todos os elementos que tem à disposição, como a voz, a música, os silêncios e os efeitos sonoros. Como meio ‘cego’, a rádio deve chamar a atenção do ouvinte constantemente. Deve cativar o público de forma a que este não abandone a emissora. E o interesse tal como a atenção do ouvinte têm de ser alimentados até ao final de cada programa.

Para além de não comportar imagem, a rádio é um meio que se caracteriza pela sua mobilidade o que obriga a que se tenha atenção às diferentes localizações dos receptores.

Outro factor a ter em consideração prende-se com a atenção do ouvinte no momento em que ‘assiste’ aos programas radiofónicos. Geralmente as pessoas podem estar a realizar outras

actividades ao mesmo tempo que ouvem rádio. Logo, o nível de atenção reservada à audição dos programas pode ser menor. Se o locutor não arranjar uma estratégia para cativar, chamar a atenção do ouvinte, de nada valerão as horas dispendidas em frente ao microfone.

O entretenimento é a razão de existir de muitas emissoras de rádio. Nelas, grande parte da programação radiofónica é dedicada a esta actividade, na qual se destacam os programas de participação dos ouvintes (via telefone, carta ou e-mail) e os programas musicais. Relativamente a este assunto, Angel Benito (1991, p. 1208) demonstra qual a importância do entretenimento na rádio:

"El entretenimiento es una de las funciones más importantes de la radio(...) El carácter propio del medio (que no hace falta ni verlo ni leerlo, sino tan sólo escucharlo) convierte a la radio en la mejor compañera al levantar-se de la cama, en el coche, como la radio ambiental en muchos lugares de trabajo y locales públicos(...)."

A rádio seria monótona, desinteressante se a vertente musical não fizesse parte do conteúdo dos seus programas. Servir de distração é uma das características da rádio. Quantas pessoas terão apenas a companhia da rádio durante grande parte das suas vidas? A rádio ajuda a passar o tempo, funciona como uma companhia, transforma momentos monótonos em momentos agradáveis, ou se não o faz deveria fazê-lo.

A função formativa é outro elemento comum a todos os meios de comunicação, e a rádio não é excepção. Em qualquer programa radiofónico encontramos aspectos que contribuem para a formação do ouvinte.(...)“a rádio desempenha um importante papel na difusão da cultura, em particular no domínio das letras, das ciências humanas, do teatro (...).” (Cazeneuve, 1976, p. 335). Como os outros meios de comunicação de massa, a rádio tem a responsabilidade de formar, uma vez que o abandono do culto ao livro, das visitas aos teatros e aos museus se deve, em grande medida, à capacidade persuasiva dos media.

Numa altura em que a sociedade exige aos cidadãos um elevado grau de cultura e conhecimentos a todos os níveis, os meios de comunicação e, muito particularmente a rádio, têm o dever de proporcionar aos ouvintes programas de qualidade cujos conteúdos incidam em questões pertinentes e actuais.

A rádio, como já foi referido, é um meio de comunicação que é ouvida por praticamente todas as pessoas com qualquer grau de instrução. Não exige cultura, não é condicionada pelas posses de cada um, já que a aquisição dos receptores é relativamente barata; tem um público muito heterogéneo, permitindo que a informação seja diversificada e, finalmente, pelo facto de não ser necessária uma predisposição por parte do indivíduo para ouvir rádio. "(...) não é exclusivista como o livro, o jornal, o cinema, e mesmo a televisão. Pode-se ouvir rádio e estudar, conduzir, fazer a lida da casa." (Adelino Gomes et al. 1981, p. 302).

Actualmente, podemos constatar que a vertente formativa sempre esteve e está presente nos meios de comunicação social, inclusive na rádio. Adelino Gomes et al. (1981, p.299) defendem que:

"A rádio contribuiu poderosamente para a divulgação de obras literárias, do teatro, da música, etc. Peças de teatro que jaziam mortas nas estantes das bibliotecas foram adaptadas à rádio, que as levou a terras onde nem sequer havia ou há salas de teatro; obras musicais são ouvidas em locais onde nunca se poderia deslocar uma orquestra; livros de escritores célebres, conferências de figuras da cultura nacional ou mundial chegam aos ouvidos de quem não sabe ler."

A informação radiofónica começou a ter mais importância a partir de 1930. Até então, a rádio era, sobretudo, um meio de distração. Foi a partir desta data que se começou a valorizar mais a informação, tornando-se, até hoje, numa das funções essenciais da rádio.

Quando pensamos nos meios de comunicação, pensamos inevitavelmente na informação, nos programas informativos. Arturo Merayo Pérez (1992, p. 26), a este respeito, afirma que continuam a haver autores que defendem que algumas rádios colocam em segundo plano a informação, dando mais importância ao entretenimento:

"(...) entre la mayor parte de los autores no parece haber excesivas discrepancias en el carácter secundario que en la radio tiene la información, pues, con ser muy importante, no goza del peso específico que posee el entretenimiento y, en la mayor parte de las ocasiones, necesita de el para ser difundida con eficacia."

E acrescenta dizendo que a informação em rádio serve apenas para credibilizar o meio:

“(…)en radio, la función de informar no es, como ocurre en otros medios, la más significativa, si bien en ocasiones excepcionales puede ser la predominante ya que, en determinadas circunstancias otorgue a la radiodifusión uno más sólido prestigio.” (Pérez, 1992, p. 26).

Torna-se difícil dizer qual dos dois é mais importante: se o entretenimento ou se a informação. Ambos são importantes e que complementam-se, uma vez que uma emissora de rádio, que apenas transmite informação, acaba por se tornar enfadonha, muito pesada. Em contrapartida, uma rádio só de entretenimento, onde a vertente informativa não está presente, acaba por se tornar pobre a nível de conteúdos.

2. A LINGUAGEM RADIOFÓNICA

2.1 SOM, RUÍDO E SILÊNCIO

"Desde las épocas más remotas de la historia de la humanidad, los fenómenos acústicos han formado parte de su vida, ya que casi todos los seres vivos producen sonidos (...). Esto nos permite suponer que los seres humanos, en su necesidad de comunicarse entre sí, producirían diferentes sonidos guturales, constituyendo la voz la primera fuente sonora." (Recuervo, 1990, p.19.)

A linguagem radiofónica não é constituída unicamente pela voz. Ela é o resultado da junção de outros elementos como a música, o ruído, o silêncio e os efeitos sonoros. A combinação de todos estes elementos faz com que eles próprios se modifiquem, criando assim um novo conceito que é a linguagem radiofónica. A importância de cada um depende daquilo que se deseja transmitir e o efeito que se pretende criar no ouvinte

Tal como a luz, o som é um dos elementos fundamentais para o Homem perceber a realidade e experimentar muitas sensações uma vez que este é um elemento imprescindível para transmitir e receber informação. O som é, de acordo com Manuel Lopes Recuevo (1990, p. 30):

“(...) una perturbación de las moléculas que se propaga a través de un medio elástico a una velocidad característica de ese medio(...). (...) El sonido se produce cuando el aire entra en vibración, por cualquier procedimiento generalmente cuando algún objeto vibrante entra en contacto con él.”

O som propaga-se quer seja num meio sólido, quer num meio líquido ou gasoso e caracteriza-se com três qualidades fundamentais: intensidade, tom e timbre. O som, segundo a sua intensidade, é forte ou fraco, dependendo de diversos factores. Na linguagem humana, a voz é o elemento chave para determinar a intensidade do som, uma vez que esta pode alterar-se de acordo com a carga emocional do momento. Assim sendo, é óbvio que a intensidade do som vai ser diferente quando, por exemplo, estamos zangados ou contentes bem como quando damos ou não importância a determinado assunto.

A intensidade, de acordo com Eduardo Meditsh (1999, p. 144), “(...) é determinada pela potência da vibração que lhe dá origem(...). É uma medida abstracta, percebida subjectivamente por nossos ouvidos com o volume de cada som, que varia do alto ao baixo.”

Em rádio é importante que a intensidade do som seja diversificada uma vez que (...)“evita la monotonía y enriquece acusticamente el contenido.” (Pérez, 1992, p. 93).

O tom corresponde às variações das percepções, desde as graves até às agudas passando pelas frequências reduzidas até as frequências elevadas. É uma característica da linguagem falada “(...) ya que mientras la intensidad puede representarse con signos de admiración, el tono carece de signo gráfico.” (Pérez , 1992, p. 93).

Através da entoação que damos às palavras, podemos dotá-las de vários significados. A carga de expressividade que o tom incorpora é muito elevada podendo uma palavra ter vários significados de acordo com a entoação que se utiliza.

O timbre “(...)é o que distingue um instrumento musical de qualquer outro e uma voz humana entre milhões”. (Meditsh, 1999, p.145). Ou seja, o timbre varia de acordo com o sexo, tamanho, peso, idade, etc. de cada pessoa porque, para além das ondas sonoras propagadas pelo corpo que vibra, é também colocado em movimento outro conjunto de ondas com diversas frequências, denominadas por sobretons ou harmónicos. “A combinação da frequência básica com a multiplicidade de harmónicos produzidos, conforme a voz ou o instrumento, é o que define o timbre de cada um.” (Meditst, 1999, p.145).

O silêncio equivale ao vazio ao espaço em que não se transmite qualquer tipo de mensagem, pelo menos, explicitamente, ou seja, é o momento em que há ausência de som. Em rádio podemos encarar o silêncio de duas formas:

- O silêncio não previsto, fruto de um erro ou de uma avaria técnica. Este tipo de falha pode trazer consequências negativas para a emissora como a falta de credibilidade ou pode levar a que o ouvinte mude de emissora.

- A utilização propositada do silêncio funcionando como recurso sonoro. Quando propositado, o silêncio é utilizado para criar no ouvinte tensão, expectativa ou mesmo reflexão. “Con la ausencia de sonidos se puede crear un fuerte ambiente emocional, sensación de vacío y una gran intensidad dramática(...)” (Benito, 1991, p. 1306).

A utilização propositada do silêncio produz um efeito muitas vezes pretendido que é a criação de imagens pelo ouvinte. O silêncio em rádio pode funcionar muitas vezes como um trampolim para a imaginação. Muitas são as vezes em que os locutores da rádio provocam o silêncio ou através de pausas no seu discurso ou pausas entre, por exemplo, duas músicas. A partir deste momento, o ouvinte mais atento tende a descobrir a causa desse silêncio ou o que se pretende transmitir com ele. Quando isto acontece, o locutor conseguiu chamar a atenção do ouvinte e despertar-lhe a imaginação.

Arturo Merayo Pérez defende que o silêncio radiofónico pode ser utilizado como:

- Elemento de elipse, ou seja, eliminam-se os elementos da frase que não são essenciais de forma a criar, na mensagem radiofónica, um carácter confidencial;
- Elemento de zeugma em que se utiliza um elemento sintáctico comum, como um verbo, eliminando-se em seguida as unidades idênticas da oração;
- Elemento de reticência em que se interrompem uma ou várias ideias ou uma frase cujo sentido é proporcionado pelo contexto;
- Elemento de assindeto onde se agrupam elementos coordenados sem conjunções.

2.2 A LINGUAGEM VERBAL

"Siendo todos los elementos sonoros igualmente importantes para la configuración del language radiofónico, las palabras resultan, sin duda, elementos radicalmente imprescindibles." (Pérez 1992, p.125). A linguagem verbal, apesar de fazer parte de um todo que é a linguagem radiofónica, é um dos elementos essenciais do radiojornalismo.

A voz é um dos factores mais importantes da linguagem radiofónica. É através da voz que a palavra se materializa. Num meio de comunicação que carece da imagem, a voz é o elemento principal para se seduzir o ouvinte, estabelecer relações de cumplicidade e intimidade, para o agradar de forma a que ele prefira aquela estação. É através da voz que o radiojornalista transmite as mensagens para que o ouvinte crie uma imagem da realidade o mais verosímil possível.

A voz que transmite a informação deve ser viva, não deve dar a sensação de aborrecimento para o ouvinte. Deve mostrar convicção. Não se deve esquecer que a voz, em rádio, é quase tudo. Ela transmite as emoções: tristeza, indiferença, alegria... Através da entoação da voz, pode interpretar-se um texto de diferentes modos. A voz tem o poder de jogar com o timbre, o tom e o ritmo. São estes três aspectos que conferem sucesso ou insucesso à mensagem radiofónica.

Através da voz pode expor-se um texto de diferentes modos. A voz "(...) abre o espaço imaginário onde o ouvinte, por exemplo, reconstrói o corpo daquele que fala a partir do que lhe é sugerido pela voz." (Lavoinne, 1980, p.168). Muitas são as vezes em que imaginamos como é a aparência física de quem fala na rádio e, geralmente, fazemos uma imagem completamente diferente da realidade. Quantas vezes, a voz de um locutor nos dá a ideia que ele é, de certeza, uma pessoa com um físico invejável e cobiçado por todas? Pois quase sempre ficamos decepcionadas quando constatamos que nada corresponde à realidade.

Apesar de a voz ser um factor crucial no radiojornalismo, não é tudo porque, como afirma Maria Elisa Porchat (1993, p.87):

“(...) mais do que uma bela voz, o locutor precisa de ter um conhecimento técnico, que se adquire com o esforço e treinamento. Entretanto, para o locutor de rádiojornalismo, nada é mais importante do que transmitir segurança, crença na informação que lê.”

De facto, a voz não é tudo. De que vale uma bonita voz se não se dizem as notícias com convicção, se não transmitem credibilidade, se não se cumprem as regras gramaticais? É necessário, antes de tudo, ter um conhecimento profundo de todas as exigências do meio radiofónico para que, à *posteriori*, se consiga desempenhar a função correctamente.

2.3 A LINGUAGEM MUSICAL

"A rádio permanece o grande fornecedor de música (...). Desde os seus inícios ela tem repartido naturalmente o seu tempo de emissão entre a informação e a música." (Cazeneuve, 1976, p. 247). A linguagem musical é também muito importante na rádio, uma vez que, através dela, se consegue "(...) induzir imagens da realidade, recriar simbolicamente espaços físicos sem o apoio da palavra." (Sousa, 1994, p. 9).

Actualmente a música desempenha um papel importante na vida das pessoas. É com ela que as pessoas se descontraiem ou, pelo menos, 'desligam', nem que seja por alguns minutos, da realidade e viajam por mundos completamente diferentes. A música, para além de tornar o meio mais ligeiro, menos monótono, pode também usar-se para se conseguir mais audiência principalmente, entre os mais jovens e estimular a imaginação de quem escuta. Tal como a palavra, a mensagem que a música transmite tem o significado que cada um lhe quer atribuir, dependendo do contexto da situação, ou seja, a música é polissémica, tem uma grande capacidade de sugestão.

A música pode utilizar-se separadamente ou pode combinar-se com a linguagem verbal ou efeitos sonoros. Xosé Soengas (cit in Sousa, 1994, p.17) defende que a música pode ser utilizada para três situações distintas:

- Uso programático em que a música tem uma identidade própria como programa independente;
- Uso sintáctico ou funcional em que é utilizada para separar espaços distintos no mesmo programa;
- Uso expressivo sendo neste caso utilizada para criar imagens ou estados de espírito.

Em rádio, a música pode também ser utilizada de três formas: indicativo de um programa, separador ou fundo musical. Jorge Pedro Sousa é de opinião que a linguagem musical tem cinco funções principais:

- Gramatical - sendo esta usada como sinal de pontuação;
- Expressiva - através da música criam-se ambientes;
- Descritiva - quando, através da música, se descreve algo ou alguém;
- Reflexiva - a música pode levar o ouvinte à reflexão;

- Ambiental - Utiliza-se como cenário sonoro.

3. CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO RADIOFÓNICA

3.1 O TEXTO INFORMATIVO RADIOFÓNICO

"Al principio, efectivamente, los hombres de la radiodifusión no cayeron en la cuenta de que no es lo mismo escribir para el oído que escribir para el ojo." (Albertos, 1993, p. 435).

A informação radiofónica, bem como o jornalista, tem de possuir uma série de características que lhe configuram uma diferenciação dos restantes meios de comunicação social. Relativamente à informação, ela deve ser actual, memorizável, imediata, simultânea ao acontecimento.

Quando pensamos na rádio, pensamos de imediato num meio de comunicação de massas, que tem como objectivo principal comunicar com o público. Para que a comunicação seja possível, é necessário que se compreenda o que se diz. Para que a comunicação seja um fracasso, basta uma frase mal construída, uma expressão ambígua ou uma sentença complicada.

Há diversas formas de escrever para os noticiários radiofónicos. Cada radiojornalista tem o seu próprio estilo de escrever e de apresentar as mensagens ao ouvinte. Diferentes estilos na redacção não é, de forma alguma, negativo para as rádios. No entanto, há um conjunto de regras básicas que devem ser cumpridas. Quando se escreve um texto jornalístico para ser dito na rádio, a primeira coisa que se deve pensar é que "(...) se vai elaborar um texto para ser ouvido, para ser contado, e não para ser lido." (Prado, 1989, p. 29).

Os elementos básicos a ter em consideração para uma boa redacção jornalística radiofónica são a pontuação e a estrutura gramatical. Para uma boa compreensão por parte do ouvinte, a linguagem (expressão oral) é também fundamental.

Quando o jornalista decide escrever para rádio, a primeira coisa que vai ter de alterar é a pontuação. Aprendemos desde a escola primária como e onde devemos utilizar os sinais de pontuação. Nos primeiros anos de estudo, aprendemos e assimilamos determinadas regras que vão sendo aperfeiçoadas e utilizadas durante o percurso da vida. No entanto, quando

escrevemos para um meio de comunicação como a rádio, as regras do jogo alteram-se e entramos novamente num processo de aprendizagem total: aprendemos a escrever como que se fala, como nos devemos comportar, etc. Enfim, torna-se necessário mudar alguns hábitos se queremos ser bem sucedidos naquilo que fazemos.

Escrever para rádio é muito diferente de escrever para TV e para Imprensa. O radiojornalista tem de ter consciência que o texto vai ser ouvido e não lido; que a mensagem se vai esgotar no ar; que 'as palavras voam'... No âmbito desta questão, Martinez Albertos (1993, p. 345) diz que:

"El lector de periódicos puede detenerse, volver a leer una frase, y regular la rapidez con que lee un artículo de periódico diario o revista. Al oyente, sin embargo, no se le da mas que una oportunidad para oír una oración, gramatical y no puede regular la rapidez con que escucha: debe oír cada oración al ritmo que le impone el locutor que habla ante el micrófono."

O hábito da pontuação é um dos elementos que tem de ser alterado drasticamente. Para Emilio Prado, em rádio não existem dois pontos, travessão, ponto e vírgula, etc., uma vez que não têm tradução fónica. Os únicos sinais de pontuação que desempenham uma função importante no texto noticioso radiofónico são o ponto final e a vírgula. Na rádio, "(...) a pontuação é utilizada para associar a ideia expressada à sua unidade sonora, serve para marcar unidades fónicas e não gramaticais." (Prado 1989, p. 29).

A utilização do ponto final é importante, uma vez que é através deste que o ouvinte se consegue aperceber quando é que a notícia acaba, quando é que se faz a mudança para outro tema ou, dentro da mesma notícia, quando é parágrafo. Emílio Prado (1989, p. 29) refere ainda que:

"O ponto é o sinal que indica o final de uma unidade fónica completa. A resolução de entoação que marca o ponto deve ser de carácter parcial (no caso dos pontos que marcam o final de uma frase), de carácter total (no caso dos pontos que marcam o final de um parágrafo)."

O ponto final tem características diferentes da vírgula uma vez que, quando o radiojornalista o utiliza, quer dar a entender que o discurso acabou fazendo uma pausa prolongada. Quando se utiliza o ponto final ou vírgula, a entoação também é diferente, uma vez que o ponto é o sinal

2.4 OS EFEITOS SONOROS

A rádio, só com a linguagem verbal e musical não teria o dinamismo que possui. É necessário incluir algo de diferente durante os espaços reservados à informação onde só é utilizada a linguagem oral. Os efeitos sonoros são parte integrante da linguagem radiofônica e servem para aumentar o realismo ou diferenciar os programas.

Pérez define efeitos sonoros como sendo "(...) aquellos productos sonoros de breve duración y de distinta naturaleza que, por sí mismos o con la ayuda de la palabra, colaboran en la ambientación y descripción de una idea radiofónica (...)." (Pérez 1992, p.133).

Quanto à sua natureza, os efeitos sonoros podem ser naturais ou artificiais. Em rádio, os mais utilizados são os artificiais. É frequente fazer-se uma montagem de diferentes partes de uma música para se construir um efeito sonoro. Pode-se afirmar que a maioria dos efeitos sonoros são efeitos musicais que, geralmente, são utilizados como forma de diferenciar a emissora das restantes ou, mesmo dentro dos programas informativos, para lhes dar mais dinamismo como também para fazer as separações necessárias.

Jorge Pedro Sousa atribui seis funções aos efeitos sonoros:

- Indicativo - através de um sinal sonoro transmite-se ao ouvinte a ideia de que algo de importante aconteceu ou está prestes a acontecer;
- Separador - sistema sonoro utilizado para separar partes de um programa;
- Ambiental ou descritiva - através do sistema sonoro tenta-se descrever ambientes;
- Expressiva - em que os efeitos sonoros assumem um valor comunicativo próprio;
- Narrativa - os efeitos levam o ouvinte, de uma cena do relato a outra, sem qualquer outro apoio;
- Ornamental - quando se prescinde dos efeitos sonoros por serem acessórios.

de pontuação que indica o final da unidade fónica e a vírgula “(...)” marca uma pausa que introduz uma variação na entoação dando lugar à renovação do ar.” (Prado 189, p. 29 e 30).

A utilização correcta destes dois elementos irá evitar diversos problemas como, por exemplo, dificuldades na respiração. O jornalista não terá de enfrentar a problemática da falta de ar no meio das frases, conseguindo assim acabar o seu discurso, aplicando-lhe a entoação correcta.

Em suma, podemos afirmar que é necessário uma alteração total nos hábitos de escrita. O radiojornalista se quiser ser um bom profissional terá de adquirir uma postura diferente relativamente à redacção das peças noticiosas radiofónicas. “É necessário uma mudança total da mentalidade para escrever para o rádio.” (Prado, 1989, p.6).

Para além da pontuação, outro elemento que precisa de ser alterado é a estrutura gramatical. A clareza e a simplicidade são duas exigências fundamentais da redacção radiofónica uma vez que “(...) a descodificação se efectua no presente e as mensagens não têm permanência nem no tempo nem no espaço.” (Prado, 1989, p. 31).

Com a clareza “(...) procura conduzir-se o leitor até à compreensão dos factos sem tropeçar nas palavras”. Uma linguagem clara significa a utilização de palavras e frases simples acessíveis a pessoas de diferentes níveis culturais.” (Letria e Goulão, 1982, p. 93). A simplicidade tem a ver com a estruturação do texto jornalístico, ou seja, evitar termos que possam prejudicar a compreensão.

Sendo um meio ‘cego’, um meio para ser ouvido e não lido, as informações devem ser escritas de uma forma clara e simples para não confundir o ouvinte porque, se a confusão se gerar, a rádio perde automaticamente audiência. “Não há lugar no jornalismo para complexidade, divagação ou obscuridade. É preciso saber o que dizer – e isso deve ser dito uma forma directa, simples e precisa.” (Chantler e Harris, 1992, p. 50).

O radiojornalista, no momento em que está a escrever os textos, deve ter presente que, para além das mensagens não terem permanência no tempo e no espaço e de o ouvinte não ter a possibilidade de voltar atrás para ouvir novamente a informação, a rádio é também um meio de comunicação com um público muito “(...) heterogénico, composto pelos diversos escalões

socioculturais e, conseqüentemente, com diferentes níveis de compreensão.” (Prado 1989, p. 21).

Praticamente toda a gente ouve rádio, desde o simples trabalhador do campo, sem qualquer tipo de formação até a um indivíduo com formação académica. Torna-se então imprescindível ser-se claro e simples na divulgação das informações de forma a que ninguém se sinta marginalizado.

Para além da heterogeneidade da audiência, o jornalista deve ter em consideração que nem sempre o receptor se encontra no melhor local para uma boa recepção. Devido à mobilidade do meio, geralmente os ouvintes desenvolvem outras actividades ao mesmo tempo que ouvem rádio. Relativamente a este ponto, Vítor Lopes (1982, p. 68) sustenta que a rádio "(...) permite conhecer a actualidade do mundo sem sairmos de casa ou, até, durante uma viagem, longe dos grandes centros de informação. (...) através da rádio, podemos ouvir as notícias ao mesmo tempo que efectuamos outros trabalhos.” Todas estas facilidades para ouvir rádio implicam que os ouvintes estejam mais atentos e também obrigam a que se recorra, por parte dos profissionais, a uma linguagem simples e clara .

Na redacção da mensagem jornalística o repórter deve também ter em atenção vários aspectos. As frases devem ser breves recorrendo-se à estrutura mais simples, sujeito - verbo - complemento. Embora seja difícil, seguir esta estrutura, irá facilitar a compreensão por parte do ouvinte. Quando escrevemos, temos a tendência de o fazer da forma mais complexa, tentando incluir o máximo de informação no mínimo de frases possível. Esse hábito deve ser alterado quando escrevemos para a rádio; não é aconselhável ‘bombardear’ o ouvinte com demasiada informação na primeira frase. A informação deve ser dada por fases, com uma ideia em cada frase, utilizando sempre a redundância de forma a que o ouvinte perceba o contexto da situação mesmo que chegue a meio da notícia. O objectivo é escrever de forma a que o ouvinte compreenda facilmente e de modo a que tenha a sensação de que estão a falar directamente com ele, que lhe estão a contar uma história. Se a informação for dada deste modo, o ouvinte irá reter muito melhor e por muito mais tempo as informações.

Quem não se lembra das histórias do Capuchinho Vermelho ou da Branca de Neve? Com certeza que todos se lembram e porquê? Porque essas histórias são contadas da forma mais

simples possível. A linguagem utilizada é clara e simples, as frases são curtas e, geralmente, cada frase tem apenas uma ideia, a entoação utilizada no decorrer da história é também variada fazendo com que o ouvinte preste o máximo de atenção e fique ansioso para saber o desenrolar da acção. Em suma, a linguagem utilizada deve aproximar-se o máximo da linguagem coloquial culta.

A formulação das frases na negativa deve também ser evitada uma vez que “(...) é muito mais inteligível a formulação em positivo.” (Prado, 1989, p. 34).

Os tempos verbais são também determinantes na redacção do material noticioso. Se queremos um meio de comunicação dinâmico, instantâneo e rápido, os verbos devem ser conjugados no presente porque “(...) el tiempo presente transmite al oyente la sensación de que el hecho se está realizando todavía en el momento de la transmisión o que acaba ahora mismo de realizarse.” (Albertos 1993, p. 453). ‘Ontem’ não é notícia em rádio. Assim, os verbos devem ser conjugados no presente do indicativo ou, se não for possível, no pretérito perfeito.

É também de salientar que o verbo deve ser utilizado na voz activa, uma vez que dá mais força às notícias e a utilização da passiva tira-lhes impacto. Os adjectivos, os pronomes e os advérbios devem também ser evitados, já que criam confusão no momento de compreensão da mensagem.

3.2 ERROS, TIQUES E BENGALAS NA LINGUAGEM RADIOFÓNICA

Cada profissional de rádio tem um estilo próprio e cria os seus vícios. Na redacção do texto radiofónico, o jornalista deve ter em atenção, para além das regras gramaticais, o vocabulário que utiliza uma vez que o objectivo principal é utilizar uma linguagem simples, clara, concisa, nítida, etc. O importante é empregar uma linguagem correcta e espontânea evitando todo o tipo de gírias e frases comuns, de modo a não criar confusão no ouvinte. Muitas vezes, escolhemos a palavra de mais difícil compreensão para o ouvinte, pensando que ele vai entender perfeitamente o conteúdo da mensagem. Mas, de todos os sinónimos que possamos aplicar, devemos optar sempre pelo mais comum, ou seja por aquele que está mais próximo da linguagem coloquial.

Maria Elisa Porchat (1993, p. 102) aconselha a que, nos noticiários, se opte pela forma mais rudimentar de se dizerem as coisas. Por isso, há que fazer uma selecção no momento de escolher o vocabulário. De acordo com a autora, deve haver a escolha do sinónimo mais simples. Por exemplo, em vez de:

- Aeronave, utiliza-se Avião;
- Óbito, utiliza-se Morte;
- Trajar utiliza-se Vestir;
- Morosidade utiliza-se Lentidão.

Deve também evitar-se todo o tipo de estrangeirismos e termos científicos ou, quando indispensáveis, estes devem ser acompanhados de uma explicação. A simplificação de cifras deve também ser facultada ao ouvinte de forma a que ele tenha uma noção exacta das quantias de que se fala . em vez de ‘16.887 pessoas’, deve dizer-se ‘perto de 17 mil pessoas’.

Jorge Pedro Sousa (1994, p. 24) apresentou um conjunto de erros frequentes em radiojornalismo que devem ser evitados:

- “Ecos;
- Palavras com sentido duplo;
- Fontes não identificadas;
- Lugares comuns e chavões;
- Cacofonias;

- Palavras que remetem para referentes anteriores do texto;
- Ausência de coloquialidade;
- Estrangeirismos;
- Excesso de informação;
- Redundâncias absurdas;
- Tratamento impróprio das datas;
- Uso de nomes pouco conhecidos;
- Declarações óbvias;
- Utilização de siglas pouco conhecidas.”

A utilização em abuso destes elementos faz com que a mensagem radiofônica seja, muitas vezes, incompreendida pelo ouvinte levando a que este se desinteresse pelo que está a ouvir. Pensa-se que a linguagem em rádio deve ser atractiva para conquistar a atenção do ouvinte. No entanto, mais importante do que frases ou palavras bonitas, é crucial que o ouvinte fique esclarecido acerca dos acontecimentos. Como defende Maria Elisa Porchat (1993, p. 145), “escrever com simplicidade não significa que a linguagem tenha que ser despida de seus atractivos (...). Preocupe-se com a nitidez da informação e com a correcção da linguagem.”

4. GÊNEROS JORNALÍSTICOS MAIS FREQUENTES

4.1 A NOTÍCIA

A definição universal de notícia é impossível. Encontram-se tantas definições de notícia quantos os manuais que se consultam. No entanto, qualquer definição de notícia que encontramos, tem sempre elementos comuns: actualidade, universalidade, veracidade...

Matinez Albertos (cit in Pérez, 1992, p. 177), define a noticia como sendo,

"Un hecho verdadero, inédito o actual, de interés general, que se comunica a un público que pueda considerarse masivo, una vez que ha sido recogido, interpretado y valorado por los sujetos promotores que controlan el medio utilizado para la difusión."

Depreende-se, então, que notícia é a narração estrita dos elementos básicos de um acontecimento, cuja actualidade está presente e que a sua divulgação é importante para o público em geral.

Há divergências em relação aos elementos que compõem as notícias. Enquanto que Arturo Merayo Pérez defende que a notícia deve ser composta por quatro partes (título, abertura ou *lead*, desenvolvimento e fecho), Emílio Prado afirma que, em rádio, não existe título nas notícias. O início da notícia desempenha o mesmo papel que o título de imprensa. Ou seja, é apenas uma questão de atribuição de nomes aos elementos que compõem a notícia.

A entrada ou *lead* "(...) se presenta siempre después de haber conquistado la atención del oyente por medio de la apertura." (Pérez, 1992, p. 182). Chamar a atenção do ouvinte torna-se obrigatório, se o queremos fiel até ao final da apresentação do noticiário. A entrada deve ser simples e atractiva de forma a 'aguçar' a curiosidade do ouvinte. Para o conseguirmos, "(...) dispondremos na entrada os dados mais atractivos ou mais importantes da informação." (Prado, 1989, p. 50).

Na entrada ou *lead*, a regra de Lasswell não é utilizada, ou seja, nesta etapa não é necessário incluir todos os Ws ("*who*", "*what*", "*why*", "*when*" e "*where*" – "quem", "o quê", "como",

“quando” e “onde”) como se faz no *lead* de imprensa. Basta o essencial, uma vez que, ao longo do texto, se vão incluindo novos factos e se vai recontextualizando o que já se disse. Emílio Prado (1989, p.50) defende que: “Em contraste com a clássica pirâmide invertida da imprensa, que vinha encabeçada por um lide, no rádio a quantidade de informação não é decrescente em sua distribuição.” (Prado 1989, p.49). A este nível apenas é necessário dizer-se o que aconteceu e quem são os intervenientes, ou como aconteceu. “(...) Na introdução se encontrará com segurança a resposta ao “o quê” e, como variável, ao “quem” ou ao “como”, predominando aquele que tenha maior capacidade de atrair a atenção.” (Emílio Prado, 1989, p. 50).

Martínez Albertos é da opinião de que o *lead*, em rádio, é praticamente a mesma coisa que o título da notícia nos jornais. Por isso, considera que o *lead* da notícia radiofónica “(...) no suele responder a tantas preguntas como debe responder el lead del periodismo impreso.” (Albertos, 1993, p. 461).

O desenvolvimento tem como objectivo detalhar e explicar os factos principais apresentados na entrada e acrescentar os dados complementares, se estes forem importantes. Deve-se ter em consideração que a notícia de rádio não é igual à de imprensa. O rádiojornalista não deve guiar-se pela técnica da pirâmide invertida, uma vez que esse procedimento é característico dos meios escritos. Em rádio, não pode haver uma hierarquia de interesse, já que a atenção do ouvinte deve ser constante. Para que isso se verifique, nada melhor, por um lado, que dar uma informação ‘bombástica’ quando o ouvinte não espera, e, por outro lado, fornecer a informação ao ouvinte com um ritmo de tensão variável. Este procedimento irá obrigá-lo a estar atento durante todo o noticiário. “En radio es preciso mantener vivo el interés del oyente hasta que termine la noticia, repartiendo el interés de la información por todos y cada uno de los párrafos.” (Albertos, 1993, p. 461).

O fecho é um resumo ou recapitulação de todos os elementos mais importantes da notícia. Desempenha um papel importante uma vez que, de acordo com Prado (1989, p. 52):

“(…) recupera o essencial da notícia de forma atraente, para o fixar ao facto que foi transmitido e para deixar o interesse do ouvinte em um nível elevado, o que facilitará a atenção para a informação seguinte ou que fixará o interesse por aquela informação, se é a última.”

A técnica a utilizar para a elaboração da notícia é a da espiral, ou seja, procede-se à recuperação constante de informação e à recontextualização dos protagonistas, fazendo-se, no final, um resumo da informação mais importante. Regra geral, à cabeça da notícia devem colocar-se os elementos mais atraentes e interessantes para o ouvinte.

4.2 A CRÓNICA

" O cronista escreve exibindo toda a sua subjectividade. O seu discurso é necessariamente parcelar e parcial, expressivo e provocador por vezes. É preciso que assim seja. Para que a sua crónica diga a sua experiência das coisas da vida, para que ela seja o grito (ou murmúrio) vindo do vivido. E para que atinja os outros na sua experiência". (Yves Lavoigne, 1980 , p .26).

De acordo com Emilio Prado (1989, p. 97) "a crónica desapareceu como género informativo." O mesmo autor diz, ainda, que em rádio pode chamar-se crónica a dois tipos de informação. Uma vertente da crónica é a informação dos correspondentes, ou seja, é a informação de um jornalista que se encontra no exterior e que envia a crónica, pelo telefone, ou por outro meio, para a redacção. É um relato dos acontecimentos passados na região em que o jornalista faz cobertura. "O correspondente (...) oferece uma narrativa dos factos noticiosos que foram produzidos no âmbito social e geográfico que cobre." (Prado 1989, p. 97). Sendo este tipo de informação enviada por telefone, geralmente não adopta o discurso radiofónico nem a nível gramatical nem a nível da linguagem. Na opinião de Prado esta variante de crónica corre o risco de se tornar um monólogo. Para evitar estas situações, "(...) se recorre em algum ponto à sua transformação em diálogo entre o estúdio central e o correspondente (...)." (Prado 1989, p. 97).

A outra vertente da crónica, a que nos interessa mais, é a realizada por um jornalista, geralmente especializado na matéria. Trata-se de "(...)uma ampliação informativa, que levanta dados, colorido e anedotas à informação elaborada desde a redacção." (Prado 1983, p. 98). Este tipo de crónica geralmente "(...) inclui citações e som ambiente, e a informação é valorizada não pessoalmente e sim em função das fontes explicitadas." (Prado 1989, p. 98).

Segundo Martinez Albertos (1993, p. 272) a crónica é a "(...) narración directa e inmediata de una noticia con algunos elementos valorativos, que siempre deben ser secundarios respecto a la narración del hecho en sí." Ou seja, a crónica é uma narração falada dos factos na qual o jornalista tem uma certa liberdade de estilo. No entanto, não deve esquecer-se que, por detrás, está sempre o facto em si; a notícia.

Na crónica, os factos actuais são o ponto de partida e são também um pretexto para o autor da crónica começar a narrar com devaneios, algum tema da actualidade. A crónica é o género

que mais se aproxima do literário. O jornalista dá importância aos seus sentimentos podendo mesmo entrar no domínio da ficção. A associação de ideias, o jogo das palavras, os conceitos e as contraposições misturam o real e o imaginário como forma de fazer realçar o facto em si.

“A crónica transmite a reacção pessoal, com a qual muitas vezes os ouvintes se identificam, através do humor, da ironia, do elogio emocionado, de todas as formas de expressar sentimentos.”
(Letria e Goulão, 1982, p. 85).

Pode-se, então entender, que a crónica é o género jornalístico através do qual o jornalista marca a sua personalidade. É a arma jornalística ideal para realçar a realidade e actualidade através da ficção. “A crónica deve ser como que uma pintura sobre o quotidiano, sobre a vida das pessoas (...) deve ser como um «fresco» do que se está a passar, do que se está a comentar (...).” (Adelino Gomes et al 1981, p. 122).

4.3 O FLASH

De acordo com Merayo Pérez (1992, p. 270) o flash informativo é :

“(...) la notificación radiofónica de los datos básicos de un acontecimiento de actualidad imprevisto, que se difunde casi inmediatamente después de ser conocido por la redacción ya que reviste tal interés para la audiencia que justifica la interrupción de cualquier otro programa.”

Os flashes são notícias curtas e prioritárias que interrompem a programação, pelo seu carácter de importância ou urgência. A sua importância é de tal ordem que exige a interrupção do programa para se dar conta do sucedido. Geralmente, sempre que aparecem notícias de último momento e cuja importância seja vital às redacções das rádios, elas têm sempre prioridade, em relação a tudo o resto, podendo mesmo interromper-se um programa. “El flash puede interrumpir cualquier tipo de programa en antena. Por razón de su contenido, el flash supone la aparición de acontecimientos autenticamente interesantes de acuerdo con la característica de la noticia (relevancia, clareza, suspense, etc.).” Albertos (1993, p. 456).

4.2 A REPORTAGEM

É o género jornalístico por excelência, o género nobre do jornalismo. A reportagem permite a junção de diversas linguagens que se podem enlaçar na linguagem da rádio. Admite também a convergência de outros géneros jornalísticos.

Para Arturo Merayo Pérez a reportagem consiste na explicação de acontecimentos actuais que já não se consideram notícia, embora às vezes ainda possam sê-lo. A reportagem tenta explicar a razão de ser dos acontecimentos.

É um dos géneros que mais enriquece o meio, uma vez que há liberdade criativa e flexibilidade na sua estrutura, aproximando-se, assim, dos géneros literários e de ficção. Embora haja alguma liberdade na expressão, é importante lembrar que é pouco aconselhável "(...) que el periodista emita continuamente juicios próprios, sino que, por el contrario debe objetivar su pensamiento." (Albertos, 1993, p. 271).

As reportagens podem ser em directo ou em diferido. A reportagem em directo "(...)corresponde à mais genuína e específica vocação da rádio: estar presente no momento para relatar, a quem não está no local de um acontecimento dando uma visão do que sucede." (Sousa, 1994, p .45.). Ou seja, dá informações acerca do que está a acontecer, naquele momento e no local onde está o jornalista.

Neste tipo de reportagem o jornalista tem que escolher, no momento, de entre muitos elementos informativos, aqueles que melhor retratam a realidade. "(...) trabalha-se sobre a marcha dos acontecimentos, e o jornalista deve seleccionar constantemente aquelas representações fragmentárias mais significativas." (Prado, 1989, p. 86). A escolha dos momentos certos é fundamental, uma vez que, se o jornalista escolher mal esses momentos, corre o risco de deformar a realidade e dar uma perspectiva completamente errada.

Apesar de ser mais complicado para o jornalista, devido ao grau de imprevisto e ao conhecimento profundo do tema, a reportagem em directo é a que mais alicia o ouvinte pelo "(...) ambiente acústico ou cenário sonoro da acção, que transmite com grande riqueza de

matrizes o ambiente e outras amostras sonoras definidoras e insubstituível pela narração verbal.” (Prado, 1989, p. 86).

Emílio Prado diz que, neste tipo de reportagem, a tensão da acção é incontroável e imprevisível para o jornalista. Segundo este autor, a curva de tensão da reportagem deve ter algumas variações de modo a produzir interesse no ouvinte. Quando existem vazios de tensão, é necessário preenchê-los através da inclusão de factos adjacentes e “(...) dados complementares que ajudam à compreensão do facto ou acção central, dando assim um sentido informativo amplo ao género.” (Prado, 1989, p. 86).

A reportagem em diferido é aquela que se transmite num momento posterior à produção dos acontecimentos, ou seja, o jornalista não está pressionado pelo factor tempo nem tem que seguir a ordem cronológica pela qual sucederam os factos. A reportagem em diferido “(...) permite a montagem. Portanto, a selecção das representações fragmentadas da realidade se faz após o conhecimento da acção, uma vez que esta tenha sido concluída.” (Prado, 1989, p. 89).

O jornalista dispõe de tempo suficiente para fazer as alterações que considera necessárias para que o produto final seja de qualidade e que a compreensão, por parte do ouvinte, seja total. Com as possibilidades dos meios técnicos, em poucos segundos, o jornalista selecciona todos os elementos que retratam a realidade da forma mais genuína. Para isso, “(...) deve procurar incluir ao máximo o som ambiente, que favorece a compreensibilidade, provoca intervenção na imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação”. (Prado, 1989, p. 89). De facto, a descrição do ambiente é muito importante, uma vez que, a descrição do espaço físico, a forma e o aspecto externo das coisas, bem como os sons naturais que decorrem no preciso momento em que decorre a reportagem fazem com que o ouvinte se interesse mais, criando nele a sensação de estar presente no local onde sucedem as coisas.

Para que os resultados sejam positivos, é necessário que o jornalista adopte uma postura e certos hábitos na execução da reportagem. Emílio Prado é da opinião que o jornalista deve seguir algumas regras na sua elaboração tais como:

- Ter conhecimento profundo do tema, sabendo se possível os antecedentes e as consequências dos factos;
- Ter a capacidade de seleccionar o essencial do supérfluo;

- No momento da narração, evitar certos termos ou vícios que podem ser incompreensíveis para o ouvinte, ou seja, este género exige a utilização da linguagem radiofónica;
- Contactar os diversos intervenientes, de modo a que estes estejam disponíveis no momento certo.

A reportagem em diferido está dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução “(...) tem a mesma função que a notícia radiofónica: atrair a atenção sobre o tema.” (Prado, 1989, p. 90). Deste modo, deverá incluir os factos mais interessantes para chamar a atenção do ouvinte. É nesta fase que se faz a descrição do cenário dos factos, ou seja, todo o ambiente envolvente ao acontecimento bem como a justificação da motivação pelo tema. Emílio Prado enumera algumas formas para elaborar a introdução:

- Introdução de sumário: fornece os dados mais atraentes que conterà a reportagem;
- Introdução de golpe: inicia-se com a informação mais ‘bombástica’, a situação mais chocante;
- Introdução de pintura: expõe-se o material informativo de uma forma mais suave mais amena para o ouvinte;
- Introdução de pergunta: “levanta elementos contrapostos e poderia denominar-se também introdução de conflito.” (Prado, 1989, p. 90);
- Introdução de pergunta: inicia a reportagem com uma pergunta que tem que ser obrigatoriamente respondida durante a reportagem;
- Introdução telão de fundo: descreve-se o local onde decorre a acção.

No desenvolvimento vão-se expondo os dados por ordem cronológica à medida que se vão desenvolvendo.

Relativamente ao encerramento, o jornalista deve incluir os elementos mais importantes da reportagem utilizando termos que, de algum modo, repitam as ideias principais de forma a reforçar os acontecimentos.

4.3 A ENTREVISTA

Para Emílio Prado, a entrevista é o género jornalístico que mais se adapta à radio e às características específicas do meio. Tem este enquadramento porque, segundo o autor, “(...) é formalmente um diálogo que representa uma das formas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interacção mútua entre o entrevistado e o entrevistador. Esta interacção (...) exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial (...)”

A entrevista é “(...) el diálogo entre dos o mas interlocutores en que uno de ellos - el entrevistador - recaba de los demás respuestas a determinados interrogantes.” (Pérez, 1992, p. 208). De acordo com este autor, a entrevista tem dois propósitos sendo o primeiro extrair repostas do entrevistado e o segundo conseguir que as respostas sejam inteligíveis e interessantes para o público.

Tal como a reportagem, a entrevista pode ser em directo ou em diferido. A entrevista em directo é a mais espontânea e a que tem mais impacto na atenção do ouvinte porque “(...) ofrece un mayor aporte de datos sobre el personaje y tiene un máximo nivel de credibilidad al eliminar en el oyente toda la sospecha de manipulación técnica.” (Faus Belau, cit in Pérez, p. 209). Apesar de serem as que transmitem mais confiança ao ouvinte, são também as mais difíceis de executar, uma vez que não é possível a rectificação à *posteriori*.

A entrevista em diferido possibilita o tratamento antes da emissão, ou seja,

“(...) é possível controlar a sua duração, corrigir erros, modificar a ordem das perguntas e das respostas em favor de um desenvolvimento mais lógico, reduzir a duração das respostas amputando-as dos seus elementos não significativos (...) e das repetições desnecessárias e recorrer à mistura e à montagem para a criação de cenários sonoros (...)” (Sousa, 1994, p. 36).

Em suma, através da montagem, o jornalista tem ao dispor um variadíssimo leque de possibilidades para alterar todos os aspectos que considere inadequados ou supérfluos.

Emílio Prado defende que há dois tipos de entrevistas: as de carácter e as informativas. Estas correspondem, segundo Arturo Merayo Pérez, às de personalidade e às de declarações, respectivamente.

Na entrevista de carácter o que interessa é o entrevistado em qualquer das suas facetas. O ouvinte fica a conhecer o carácter do entrevistado, os seus valores, a sua filosofia da vida, etc. Para que o entrevistador consiga obter as respostas que quer do entrevistado, é necessário seguir um conjunto de rituais, de forma a que não haja qualquer tipo de constrangimento ou mal estar entre os dois. É importante que o entrevistado se sinta à vontade, que perca a timidez para que as respostas sejam ou pareçam o mais espontâneas possível. Deve haver, entre ambos, uma relação de confiança de forma a facilitar todo o processo de pergunta resposta.

Na realização desta entrevista, é essencial que o jornalista tenha um conhecimento profundo da pessoa a entrevistar. Esse conhecimento pode ser adquirido de diversas formas, tais como: documentos, entrevistas anteriormente publicados, através de amigos do entrevistado... Falar com o entrevistado, antes de a entrevista ir para o ar, é também uma forma de preparar a entrevista uma vez que, através do contacto prévio, o entrevistador vai conhecer melhor a pessoa e a forma como esta reage e se exprime.

Relativamente à forma de execução da entrevista de carácter esta deve ser iniciada "(...) com uma apresentação breve do personagem, na qual se destacarão os aspectos do entrevistado que sejam mais atractivos para o ouvinte, com a finalidade de chamar a atenção. " (Prado, 1989, p. 62.). A partir da introdução, seguem-se as perguntas que devem ter uma organização lógica e devem conduzir sempre o entrevistado a uma resposta cujo conteúdo desvende um pouco da sua personalidade. É importante que, ao longo da entrevista, o jornalista vá repetindo o nome do entrevistado fazendo também um 'apanhado' de tudo aquilo que já foi dito. Na conclusão resumem-se as ideias principais discutidas ao longo da entrevista e identifica-se novamente o entrevistado.

Segundo Arturo Merayo Pérez, a entrevista de carácter está dividida em duas modalidades: de retrato e biográfica. As entrevistas de retrato têm como objectivo dar a conhecer ao ouvinte

os aspectos mais significativos de uma pessoa como os seus gostos, modo de ser, afinidades, etc. As entrevistas de retrato pretendem que o entrevistado conte os aspectos essenciais da sua vida ou apenas de uma situação.

Para Emílio Prado, a entrevista informativa subdivide-se em três tipos:

- A entrevista de informação estrita "(...) é a mais utilizada e se caracteriza por sua brevidade. Serve para veicular uma informação através do seu protagonista ou de uma fonte presente." (Prado, 1989 p. 62). Como nos outros tipos de entrevistas, esta deve começar com uma introdução que chame a atenção do ouvinte. "A introdução deve ser breve e fugir de construções confusas". (Prado, 1989, p. 62). O ritmo com que se faz este tipo de entrevistas é o aspecto mais importante. Deve ser rápido fazendo com que o entrevistado seja o mais sintético possível nas suas respostas. Na conclusão, o jornalista pode optar por duas variantes: ou acaba a entrevista com a última resposta ou, se quiser fazer um encerramento, este deve se "(...) breve e seu efeito é o da redundância, no qual se destacarão o dado ou dados mais importantes." (Prado, 1989, p. 63).
- A entrevista de informação em profundidade fornece, para além da informação essencial, um conjunto de informações relevantes que ajudam a contextualizar o acontecimento. A duração deste tipo de entrevista é maior do que a estrita e permite um ritmo mais pausado. Tal como nas outras, a introdução deve ser breve e deve apresentar "(...) as linhas fundamentais do tema noticioso e a justificação da presença do entrevistado." (Prado, 1989, p. 63). O encerramento deve incluir o nome do entrevistado e, "(...) se a entrevista foi satisfatória, dará a resposta ao "por quê?". Se a resposta ficou um tanto vaga, basta tirar alguns dados que foram colocados e que ajudarão a explicar melhor." (Prado, 1989, p. 64).
- A entrevista de declarações ou a falsa entrevista geralmente é a que se inclui nos noticiários radiofônicos. O mais importante é a opinião dos entrevistados acerca de qualquer tema. Apenas se transmite a opinião do inquiridos e não as perguntas do entrevistador.

4.3 A REVISTA DE IMPRENSA

A revista de imprensa "(...) consiste na descrição dos temas dos principais jornais, quase sempre referidos nas primeiras páginas." (Sousa, 1994, p. 48). Trata-se da leitura dos títulos que fazem manchete nos jornais diários. No entanto, deve fazer-se uma leitura muito pessoal, de forma a que o ouvinte se interesse. A leitura literal desaconselha-se uma vez que conota o jornalista de falta de imaginação, para além de, muitas vezes, os títulos não serem tão explícitos quanto deviam.

A revista de imprensa pode fazer-se descrevendo cada jornal separadamente ou fazendo uma, comparação, de cada notícia, entre os jornais, que devem ser previamente seleccionados. Isto é, deve-se seguir um critério na escolha dos jornais, evitando que, de dia para dia, se escolham jornais diferentes.

As fotografias também são um elemento muito importante. O jornalista não se deve ficar pela descrição da imagem, mas sim interpretá-la, de modo a proporcionar ao ouvinte uma certa 'imaginação'.

A Revista de Imprensa deve ser realizada da parte da manhã, preferencialmente nas primeiras horas, porque o seu principal objectivo é dizer às pessoas em geral as principais notícias do dia e 'orientá-las' para uma possível escolha do(s) jornal(ais) a comprar.

Este género jornalístico não deve exceder os dois minutos, porque o objectivo não é dizer as notícias dos jornais, mas sim fazer uma breve apresentação das mais importantes. E quem estiver interessado em saber mais pormenores compra o jornal.

PARTE II

1. A RÁDIO FUNDAÇÃO

A Rádio Fundação é uma rádio local de Guimarães, com a potência de 2000 watts e que emite para toda a região do Minho e Douro Litoral na frequência 95.8.Mhz.

Situada na periferia do concelho de Guimarães, a Rádio Fundação dispõe de um amplo espaço. Actualmente possui:

- Dois estúdios operacionais para emissão e produção,
- Duas redacções, uma para o desporto e outra para os jornalistas da informação,
- Uma sala de reuniões,
- Uma redacção com estúdio de gravação (utilizado apenas pelos jornalistas para obtenção de declarações),
- Uma sala do departamento comercial;
- Uma sala de arrumações,
- Uma sala de equipamentos;
- Uma sala da Administração;
- Uma secretaria.

Relativamente aos meios humanos trabalham, na Rádio Fundação, a tempo inteiro, catorze pessoas, das quais:

- Seis jornalistas (dois para o desporto e quatro para a restante informação),
- Cinco locutores/animadores (responsáveis pelos programas de animação, produção, sonoplastia),
- Uma pessoa responsável pelo departamento comercial,
- Uma pessoa adjunta do Administrador,
- O Administrador.

No que concerne aos meios técnicos, a Rádio Fundação está relativamente bem equipada com:

- Um emissor;

- Uma antena,
- Duas mesas de mistura com doze linhas,
- Um insersor de telefone com capacidade para dez linhas,
- Um sintonizador,
- Oito microfones,
- Três *Mini Discs*,
- Um leitor de CD duplo,
- Um *Deck* de cassetes,
- Dois computadores com 650 Mhz e 256Mb de memória RAM (para a emissão e para a produção)
- Cinco pares de auscultadores
- Programas de radiodifusão: gravados, de gravação de *spot*'s e de emissão de publicidade;
- Sistema RDS (sistema que permite ao ouvinte identificar a estação emissora, uma vez que no receptor surge o nome da Rádio em questão, e manter-se sintonizado na rádio por ele seleccionada enquanto se desloca pelo país).

2. A PROGRAMAÇÃO

A programação da Rádio Fundação é muito diversificada e generalista. Todos os dias, a partir das 7h:00m da manhã, a emissão é feita em directo, até à meia noite. Durante as noites, entra em funcionamento o Automático (conjunto de aparelhos que garantem o decorrer normal da emissão radiofónica, sem necessitar da presença humana).

2.1 O ENTRETENIMENTO

Os programas musicais são a razão de ser da Rádio Fundação. Todos os dias, durante as manhãs, o programa “*Manhãs de Primeira*” vai para o 'ar'. Durante cinco horas, das 7h.00m até às 12h.00m, as locutoras Flávia Fernandes e Elsa Guimarães animam as manhãs dos ouvintes.

É um programa em que as primeiras quatro horas são dedicadas única e exclusivamente à divulgação da música e artistas portugueses. A quinta e última hora, para além da música, é também reservada para passatempos, tanto feitos pelo telefone (em que a locutora telefona para casa de alguém. Se por acaso a pessoa estiver a ouvir a Rádio Fundação nesse momento, ganha um prémio) como passatempos feitos na rua (outra locutora encontra-se em qualquer local da cidade e, os ouvintes que estiverem a ouvir o programa naquele momento, basta dirigirem-se a ela para receberem um prémio).

O programa “*Tudo em Linha*” anima parte das tardes da Rádio Fundação. É um programa que dá primazia aos gostos dos ouvintes, havendo a participação destes em directo, via telefone ou, em diferido, via carta. Durante três horas, das 13h.00m às 16h.00m, os ouvintes decidem a música que querem ouvir e dedicar a amigos ou familiares.

Geralmente participam pessoas de todas as idades e classes sociais por isso, a música é muito diversificada, abrangendo todos os estilos musicais, como fado, música popular portuguesa, *pop/rock*...

Das 16h.00m às 18h.00m segue-se outra etapa. O locutor Miguel Nogueira dá vida a mais um “*Triplex*”. O espaço é inteiramente reservado à *Dance Music*, com informações extra sobre os espaços de lazer ‘in’ da região.

As noites são mais calmas e para recordar com “*Regresso*”, das 19h.00m às 21h.00m, e com “*Noites de primeira*”, das 21h.00m às 24h.00m. Da meia-noite às sete horas da manhã entra em funcionamento o automático. Durante essas sete horas, a música continua com o programa “*Mil e uma Noites*”.

Os fins de semana também não são esquecidos no entanto, os programas de animação são outros. Assim, a emissão de Sábado começa, às sete horas da manhã, com o “*Musical Interactivo*” que se prolonga até às onze horas. O “*Flash Back*” tem início à uma hora e termina às cinco da tarde. É um programa em que se aposta na música das décadas de oitenta e noventa. Das oito horas às onze horas da noite ‘entra’ o “*Consumo Obrigatório*”, o Top 100 da revista americana *Billboard*. “*Fora de Horas*” é o último programa musical das emissões de Sábado. Aqui, a *Dance Music* é uma constante.

Os Domingos são mais pobres em termos de música. Há apenas dois programas deste tipo. Um às nove horas e que se prolonga até ao meio dia, que é o “*Manhãs de Domingo Musica*”. O outro programa, “*Fundação Baladas*”, tem espaço às oito horas e prolonga-se até às onze horas noite.

2.2 A INFORMAÇÃO

Embora o entretenimento ocupe a maior parte das emissões, a informação tem, também, espaços reservados e bem definidos. O primeiro noticiário do dia é transmitido às sete horas da manhã e o último vai para o ‘ar’ às oito horas da noite. Durante o dia, os programas de música são interrompidos com os blocos noticiosos (a todas as horas certas).

Há também, entre as 12h.00m e as 13h.00m da tarde, o programa “*Radiografias*”, inteiramente dedicado à informação diária onde cabe o tratamento, de uma forma exaustiva,

de toda a actualidade sobre o concelho. Aqui, têm espaço várias rubricas vão desde notícias, informação desportiva, reportagens, entrevistas até à rubrica intitulada de “*Serviço Público*” (correspondente, nos jornais, aos classificados).

Para além dos noticiários, a Revista de Imprensa faz também parte da grelha de programação informativa diária. A Crónica é uma rotina todas as Terças e Quintas feiras.

A informação desportiva também é muito importante nesta emissora e os programas desportivos, assim como a cobertura integral dos jogos, não são nem nunca foram esquecidos. Há sempre relatos dos jogos de futebol, durante o fim de semana e, durante a semana, o “*Diário Desportivo*”, diário às 8h.30m da manhã e às 12h.30m e 18h.30m da noite, dá conta do que se passa no 'mundo' do desporto.

Às Quartas-feiras, a noite é de desporto na rádio Fundação. Das 21h.00m às 22h.00m os “*Ficheiros Desportivos*” dão as novidades das colectividades desportivas da região.

Semanalmente, durante as manhãs e as tardes de Sábado, a política, a cultura e a economia da região são temas que também não escapam à Rádio Fundação. Assim, para dinamizar as freguesias do concelho, divulgar as actividades da região e analisar o estado da política há três programas que lhes são inteiramente dedicados: “*Minha Terra Minha Gente*”, “*Terra viva*” e “*Política em Análise*”.

A programação aos Domingos de manhã é idêntica à dos Sábados de manhã. As tardes é que diferem, pois são inteiramente dedicadas à transmissão dos relatos de futebol.

3. A RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Relativamente ao processo de recolha de informação dos acontecimentos a nível local e regional, este é feito através da ‘ronda diária’, ou seja, o jornalista, no início e no fim do dia, contacta com a PSP, GNR, Bombeiros, Hospitais e Instituições de carácter público locais. O jornalista não descarta também das suas fontes pessoais/particulares, que podem ou não ser anónimas, e de todo este conjunto de fontes, oficiais e oficiosas, que é, quase sempre, um bom ponto de partida para uma boa notícia.

No que concerne às informações a nível nacional e internacional, a principal fonte é a Agência Lusa, no site de rádios locais. Todas as horas, recorre-se a este apoio, fazendo-se uma selecção das notícias que se consideram mais importantes. Estas notícias não têm qualquer tipo de tratamento por parte dos jornalistas da Rádio Fundação, ou seja, não se faz qualquer reestruturação a nível gramatical e organização de ideias, embora fosse necessário. Mais de metade das notícias que formam um bloco informativo, são de âmbito nacional e internacional. A inexistência de registos magnéticos das pessoas envolvidas nesses acontecimentos é habitual.

4. OS NOTICIÁRIOS DA RÁDIO FUNDAÇÃO

A Rádio Fundação tem, na totalidade, doze noticiários durante o dia que duram, normalmente, entre os três e os cinco minutos. A estrutura do noticiário é a seguinte:

- Indicativo em que se diz as horas,
- Publicidade,
- Indicativo de apresentação do noticiário,
- Títulos de abertura com sem fim,
- *Spot* publicitário,
- Saudação e bloco informativo, com fundo sonoro,
- Publicidade,
- Saudação.

É de referir que, na Rádio Fundação, não há os títulos de recapitulação, o que pode considerar-se uma falha uma vez que, "o jornal deve abrir com os títulos de abertura e finalizar com os títulos de recapitulação."(Sousa, 1994, p.51).

O alinhamento do bloco informativo geralmente é fixo, dependendo de factores como proximidade, interesse. Assim, em primeiro lugar apresentam-se as notícias de âmbito local e regional, depois as nacionais e, finalmente as internacionais. A mudança de um tema para outro ou de notícia para outra é feita através de pausas.

Verificou-se que, ao longo do estudo e da audição dos programas informativos, há uma rotatividade dos jornalistas. Assim, os mesmos géneros são elaborados por diferentes pessoas. Esta é uma das razões que para que haja diferenças tanto em relação ao tratamento dos dados, da hierarquização das notícias como também, na elaboração dos géneros a nível de estrutura e gramática.

Nos noticiários da Rádio Fundação não há editor. Assim, o jornalista que faz as peças é quem introduz e fecha o noticiário, apresenta os títulos e faz as ligações entre as notícias que lê.

4.1 ANÁLISE E CORRECÇÃO DO NOTICIÁRIO¹

O noticiário apresentado é composto por três notícias, uma local e duas nacionais e tem a duração de cerca de dois minutos e trinta segundos. Este espaço informativo é iniciado com o sumário das notícias que são desenvolvidas posteriormente.

Em relação ao tempo de duração do noticiário, no seu todo, não há quaisquer correcções a fazer uma vez que o tempo aconselhado para a duração de um noticiário radiofónico vai de três a quatro minutos. No entanto, quando se procede à análise de cada notícia, em separado, verifica-se que a última notícia, mesmo sem registo magnético ultrapassa muito o tempo aconselhado para uma peça deste tipo. Uma peça não deve ultrapassar os 40 segundos.

No que diz respeito à forma como se apresentam as notícias, tanto a nível da pontuação, da estrutura gramatical como da expressão oral, verificam-se bastantes erros que são cometidos sistematicamente criando, inevitavelmente, confusão. Os erros mais frequentes são:

- Pronomes possessivos ("o seu carro"), que geram a dúvida no ouvinte: o carro do acidentado ou do ouvinte?
- Pronomes demonstrativos ("nesta cimeira"),
- Frases intercaladas ("Um jovem de vinte e dois anos, residente em Santo Tirso, não resistiu aos ferimentos, ao ser cuspidado pelo vidro traseiro"), que "quebram o ritmo e encobrem a informação principal". (Sousa, 1994, p.30).
- Repetição constante das mesmas palavras ("Cimeira"),
- A estrutura linear de sujeito – predicado - complemento não é utilizada, adicionando-se demasiadas informações numa só oração. Um exemplo bem evidente encontra-se na frase: "O rapaz perdeu o controlo da sua viatura , um Opel Corsa, tendo sofrido, de seguida, o embate da viatura que seguia atrás no mesmo sentido: Guimarães-Fafe."

Em relação à expressão oral, encontraram-se os seguintes erros:

- Os locutores/jornalistas lêem o texto como que se o estivessem a 'empurrar' para o ouvinte. Não há a preocupação de tentar dizer as coisas de uma forma natural, coloquial, de modo a que se crie uma relação de cumplicidade entre jornalista e ouvinte,

¹ Em anexo pág. i

- A forma como o jornalista diz o texto é tão apressada que não se fazem sequer pausas. As mudanças de parágrafo ou a introdução um facto novo na notícia são, de tal forma rápidas, que o ouvinte acaba por não conseguir assimilar toda a informação.
- Os erros na expressão oral acontecem em quase todas as peças. Verifica-se que esses erros não são fruto de uma distração do momento mas de dificuldade em pronunciar as palavras, primeiro contacto com o texto, insegurança...

No que concerne à clareza e simplicidade das mensagens, se o próprio jornalista tropeça no texto, como é que o ouvinte não há-de tropeçar? Verifica-se que, quando os assuntos são mais complexos ou quando há muito material noticioso sobre qualquer assunto, as notícias têm demasiada informação desorganizada originando notícias mal elaboradas e de difícil compreensão.

A nível da estrutura gramatical e organização das ideias, sugere-se a seguinte alteração:

SUMÁRIO

- Um morto e dois feridos graves é o resultado de um acidente que ocorreu, ontem, na Circular Urbana de Guimarães.
- Greve na CP causa problemas nos transportes ferroviários.
- Decisões na cimeira de Nice são favoráveis para Portugal.

DESENVOLVIMENTO

O acidente que ocorreu ontem na zona da Atouguia levou à morte de um rapaz e provocou ferimentos graves em mais dois automobilistas. O jovem perdeu o controlo do carro e chocou de traseira com outro veículo que seguia na mesma direcção: Fafe Guimarães. De acordo com a polícia a vítima mortal era de Santo Tirso e os dois feridos eram uma rapariga também de Santo Tirso e um rapaz que morava em Felgueiras.

O acidente de viação que provocou um morto e dois feridos ocorreu cerca das nove horas da noite na Circular Urbana de Guimarães

À meia noite de hoje os comboios voltaram a parar. A greve dos maquinistas deve-se à luta por um novo regulamento de carreiras, sem que a CP faça demasiadas exigências.

Está previsto que a paragem dos comboios se prolongue até Sexta feira entre as nove e meia da noite e as seis e meia da manhã. Durante o período de greve os comboios Alfa, Intercidades, Pendulares e Internacionais não vão circular. Os suburbanos do Porto, Lisboa e Figueira da foz, os regionais e inter-regionais são circuitos que podem também trazer problemas. Face à falta de comboios devido à greve, a CP vai pôr autocarros à disposição dos utentes dos suburbanos de Lisboa e Porto.

A cimeira de Nice trouxe bons resultados para Portugal. De acordo com António Guterres, Portugal conseguiu o melhor resultado do encontro internacional que se realizou em Nice. Portugal vai passar a dispor de doze votos no conselho de Ministros da União Europeia mas fica com menos cinco dos actuais vinte e cinco euro deputados. A Alemanha e a França aumentaram os votos de dez para vinte e nove e a Espanha, de oito passou para vinte e sete votos. A Grécia, a Bélgica e a Republica Checa ficaram, cada uma com doze votos. Finalmente o Luxemburgo duplicou os votos para quatro. A ponderação foi feita com base na população de cada país. O objectivo principal da cimeira foi a repartição dos poderes da União Europeia para um alargamento a mais doze países. Portugal conquista doze votos no Conselho de Ministros da União e perde cinco euro deputados.

SUMÁRIO DE FECHO

- Acidente na Circular Urbana de Guimarães causa um morto e dois feridos graves.
- Transportes ferroviários com problemas devido à greve da CP.
- Portugal conquista doze votos na cimeira de Nice.

Outro erro constante das peças relaciona-se com os registos magnéticos (RMs). Muitas vezes não se identificam os intervenientes nos RMs, os lançamentos não estão em consonância com o que o interveniente diz e os rodapés são inexistentes. A maior parte das vezes os RMs são demasiado longos e ultrapassam mais de metade do tempo de duração da notícia. "Um RM deve durar entre os 10 e 25 segundos. Nunca deve ultrapassar os 45 segundos". (Sousa, 1994, p.34).

A notícia apresentada em anexo² comprova o que se afirma. Por isso, sugere-se a seguinte alteração tanto no corte do RM como na organização informativa:

Foram assaltadas esta madrugada as escolas primárias de Selho, S. Cristóvão. Os assaltantes levaram todo o material informático, arrombaram portas e partiram vidros. O assalto rendeu, aos ladrões mais de meio milhar de contos, numa semana em que já ocorreram três assaltos às escolas.

O presidente da junta de freguesia, António Araújo falou com a Fundação e disse que, uma área com vinte e cinco mil habitantes e com cerca de dez a doze mil trabalhadores não pode ser apenas vigiada pela PSP de Guimarães e pela GNR de Lordelo:

RM: Nós estamos aqui numa zona que tem cerca de vinte e cinco mil habitantes, nestas quatro ou cinco freguesias aqui à volta. Temos aqui a circular, diariamente, cerca de dez a doze mil trabalhadores que vêm de outras freguesias, que vêm para cá e não temos condições nenhuma para que se dê garantias à população que está segura.

Por muito esforço que a PSP de Guimarães tenha feito, e eu reconheço que ultimamente até tem patrulado mais a área da minha freguesia. Por muito esforço que tenha sido feito pelo senhor comandante de Lordelo, que é uma pessoa que tem tido dedicação, para além das possibilidades que eles têm, que também têm feito cá patrulha, o certo é que se chega às horas da noite e não está cá ninguém...e eu temo.

António Araújo com receio do que possa vir a acontecer durante a noite, quando não há policiamento.

O autarca recebeu recentemente uma carta do Governador Civil em que se declarava que a freguesia não está em situação de risco. António Araújo não aceita a situação e acusa o Governador Civil de nada fazer para resolver o problema de insegurança:

² Em anexo pág. iii

RM: O senhor Governador Civil, por muito respeito, neste aspecto da falta de segurança que existe aqui nesta área, está completamente parado ou, se não está parado, está a andar a passo de caracol mas, a o passo é tão curto que devem encontrar muitas paredes pelo caminho e, em vez de seguir devagar em frente, inverte a marcha atrás.

O presidente da junta de freguesia de Selho, António Araújo, acusa Moniz de inoperância e lentidão face aos assaltos verificados na freguesia de Selho, S. Cristóvão.

4. OS OUTROS GÉNEROS DA RÁDIO FUNDAÇÃO

Para além dos noticiários, há outros géneros que estão incluídos nas grelhas de programação da rádio embora alguns deles não tenham assiduidade, como a entrevista e as reportagens, que só se realizam se os temas e o interesse os justificarem.

Pelo contrário, a crónica e a revista de imprensa fazem parte da grelha de programação semanal. A crónica tem espaço no programa informativo diário 'Radiografias' às Terças e Quintas feiras. A revista de Imprensa é diária às 7h:30m e às 9h:30m.

5.1 REVISTA DE IMPRENSA - ANÁLISE E CORRECÇÃO³

A revista de imprensa exposta é composta pela leitura de cinco jornais. Dois de âmbito local e três nacionais. É apresentada pela jornalista Emília Oliveira que, não segue quaisquer normas ou regras na elaboração da peça.

A revista de imprensa não é a leitura integral de todos os títulos da primeira página mas a leitura daqueles que mais chamam a atenção. Se o ouvinte estava à espera de ouvir a revista de imprensa para se decidir qual dos jornais comprar, o esclarecimento não foi muito. Foram abordados inúmeros assuntos sem que se soubesse em que jornais é que eram desenvolvidos.

Não há qualquer comparação entre os assuntos em comum de cada jornal. Fez-se apenas uma leitura individual e literal dos títulos. A interpretação pessoal das fotografias também não se verifica, tendo sido apenas referida a fotografia do comboio descarrilado.

A ausência de atribuição do cargo às pessoas mencionadas também se verifica.

Outro dos erros encontrados é a informação dada para além dos títulos. Desenvolve-se também um pouco da notícia. É de salientar que na Revista de Imprensa não se dão quaisquer explicações ou desenvolvimento dos títulos. O objectivo é 'aguçar' a curiosidade dos ouvintes e não ler-lhes os jornais.

³ Em anexo pág. v

O jornalista deve fazer uma leitura própria dos títulos e uma interpretação pessoal das fotografias, mas não deve mostrar desânimo ou entusiasmo pelo que aconteceu ou não aconteceu. Um exemplo em que se verifica a opinião do jornalista está na seguinte frase: "Eu fiquei particularmente indignada com a escolha da Selecção"

A revista da imprensa não deve ultrapassar os dois minutos. Neste exemplo, excede-se muito o tempo aconselhado, tem a duração de sete minutos.

Para além dos erros a nível da estrutura da Revista de imprensa, verifica-se também erros a nível da estrutura gramatical:

- Repetição constante da palavra "Manchete",
- Orações demasiado longas e com frases intercaladas,
- Frases no negativo,
- Utilização de vocábulos inexistentes ("Paradonga"),
- Presença de pronomes demonstrativos ("aquelas burlas").

Sugestão de alterações da revista de Imprensa:

Relativamente aos jornais regionais, o Diário do Minho e o Correio do Minho dão prioridade à educação. No diário do Minho a tema é o combate da sociedade contra a falta de qualificações. A notícia é acompanhada por uma fotografia do ministro da Educação, Augusto Santos Silva, em reunião com outros ministros.

No correio do Minho a notícia refere-se ao investimento de vinte milhões de contos na formação extra escolar. A página é ilustrada com uma fotografia do ministro Ferro Rodrigues e o Presidente da Associação Comercial de Braga, ambos satisfeitos com as negociações.

O convite do CDS/PP a Fernando Moniz para sair do Palácio dos Falcões é também tema de primeira página do Diário do Minho e do correio do Minho.

O diário do Minho faz ainda referência à luta de Amares por um hospital de retaguarda.

Nos jornais nacionais, os assuntos do dia são:

Descarrilamento do comboio na linha do Douro é assunto de primeira página no Jornal de Notícias e no Diário de Notícias. Ambos jornais têm uma fotografia do comboio acidentado. No jornal de Notícias apresenta-se uma fotografia de pormenor com a pedra que provocou o acidente. No Diário de Notícias a fotografia ilustra o estado em que ficou o comboio depois do acidente: desintegrado e com uma carruagem na margem do rio Tua.

A ilegalidade dos salários dos gestores hospitalares é outra notícia avançada pelo Jornal de Notícias.

O Diário de Notícias faz referência à decisão da co-incineração para Souselas e Outão.

O *Big Brother* é manchete no jornal 24 Horas. Pais do Mário querem que o filho volte para casa. Cerca de meia página é ocupada com o assunto. O título é acompanhado por uma fotografia dos pais do Mário desconsolados em frente ao televisor.

Relativamente ao desporto, o Jornal de Notícias, o Diário de Notícias e o 24 Horas fazem referência a Luís Figo, segundo melhor jogador do ano.

5.2 A CRÓNICA - ANÁLISE E CORRECÇÃO⁴

As crónicas apresentadas na Rádio Fundação são elaboradas por convidados, geralmente advogados, professores, médicos, políticos...

A escolha dos temas fica ao critério do cronista e, geralmente, a rádio não se impõe a esse nível. Portanto, quem faz as crónicas têm uma certa liberdade tanto na selecção do tema como na forma como o aborda.

A crónica apresentada pelo advogado Alves Pinto nasceu de um problema actual que é a dificuldade de demarcação de limites de terrenos pelas autarquias da Póvoa de Lanhoso e Guimarães. É uma crónica judicial em que se tenta esclarecer, através da lei, os verdadeiros proprietários das terras em questão.

Parte-se de uma questão actual, a problemática de demarcação de terrenos. O cronista dá conta dos factos, existindo sempre uma referência com a realidade. De facto, verifica-se que os elementos valorativos, neste texto, ocupam um papel bastante secundário, factor essencial neste género.

O texto apresentado não passa de uma informação alargada e bastante pormenorizada (chega a incluir decretos de lei) acerca de um problema territorial entre duas freguesias por isso, pensa-se que estaria mais adequado aos meios escritos (jornal) e não ao meio radiofónico.

Relativamente à estrutura gramatical, não há qualquer noção de como deve escrever-se para o meio radiofónico e pensa-se que este exemplo é pobre tanto a nível de concisão, de clareza como captação da atenção do leitor. É um texto com demasiada informação (inclusão de decretos de lei, datas...), sendo esta, muitas vezes, confusa.

Os erros mais graves que se encontram nesta crónica são:

⁴ Em anexo pág. xiii

- Ausência de coloquialidade ("circunscrição", "permissividade", "subjacente", "sufragada"...),
- Uso excessivo de pronomes demonstrativos ("naquele concelho", "esta que", "daquela zona"...),
- Uso excessivo de pronomes pessoais ("nosso concelho"),
- Frases intercaladas,
- Uso excessivo de datas, decretos de lei...

5.3 A REPORTAGEM - ANÁLISE E CORRECÇÃO⁵

A reportagem apresentada pela Rádio Fundação, no dia 22/12/00 às 12h.00m é uma reportagem efectuada em diferido que incide sobre um tema actual e pertinente, o qual tem consequências que se repercutem, a longo prazo, na sociedade.

Pela importância do assunto, a atenção, por parte do ouvinte, tende a ser elevada uma vez que, todos os problemas que envolvem pessoas discriminadas, sem abrigo, toxicodependentes, etc. tocam no íntimo de cada um. Por isso, pensa-se que a escolha do tema foi adequada numa altura (Natal) em que as pessoas tendem a ser mais sentimentalistas, mais generosas, mais altruístas.

A reportagem está estruturada em:

- Abertura,
- Desenvolvimento,
- Conclusão.

A abertura é breve e sintética, apresentando, de forma pouco esclarecedora o tema que se vai tratar. Apenas se faz uma espécie de comparação entre os ricos e os pobres no modo como estes passam uma época festiva que é o Natal.

É também neste momento que se apresentam o título da reportagem - "*No fio da Navalha*" - e a jornalista, autora da mesma.

O desenvolvimento é consistente, apresentando a problemática de vários ângulos:

A primeira parte é inteiramente dedicada à FRATERNA, instituição que apoia os mais necessitados a nível alimentar, vestuário... A inclusão de testemunhos de pessoas que beneficiam deste tipo de ajuda verifica-se logo nesta fase inicial.

⁵ Em anexo pág. xv

Na segunda parte do desenvolvimento, faz-se uma progressão em termos de conteúdo. Tenta esclarecer-se como é o dia a dia dos sem abrigo e toxicodependentes, daqueles que não têm ninguém a quem recorrer.

As declarações de pessoas nesta situação são incluídas apresentando-se, de seguida, depoimentos de pessoas dos centros de atendimento aos toxicodependentes.

Nesta fase, adicionou-se informação extra (que pode ser encarada como notícia) sobre a criação de programas que visam melhorar a vida dos toxicodependentes.

A terceira parte do desenvolvimento tem uma componente mais dinâmica e mais leve uma vez que se limita a apresentar o problema na perspectiva dos cidadãos, através de uma entrevista estrita ou falsa entrevista.

A conclusão é clara e esclarecedora relativamente ao que foi dito anteriormente. No entanto, deveria ter-se apresentado os pontos principais mencionados ao longo da reportagem já que, como defende Jorge Pedro Sousa (1994, p.48) "o encerramento deve ser tematicamente redundante, contendo os dados que mais significativamente contribuam para a explicação do acontecimento, apreensão da mensagem e geração de sentido."

Nesta etapa faz-se apenas referência às possíveis consequências do problema como o aumento de criminalidade, insegurança... A inclusão de um poema também se verifica. Esta opção proporcionou que a reportagem fosse mais intensa, mais profunda, permitiu que o próprio ouvinte se sensibilizasse e se sentisse solidário com todos aqueles que estão nessa situação.

No que concerne à existência de outros géneros, verifica-se que se optou pela junção de vários géneros como a notícia, a entrevista, a crónica... Neste aspecto, a reportagem está em consonância com o que Jorge Pedro Sousa defende (1994, p.43) "A reportagem (...) admite a convergência de outros géneros jornalísticos (...). Na reportagem podem coexistir e enlaçar-se elementos da notícia, da crónica e da entrevista."

A junção dos vários géneros dotou-a de mais dinamismo, originando, no ouvinte, uma vontade e curiosidade de seguir o texto até ao fim.

A nível da técnica de espiral e da redundância temática, pensa-se que se obedeceu a estes dois factores o que facilitou a assimilação e retenção de informação.

A forma como o jornalista apresentou o trabalho também o dotou de mais valor. Verifica-se, ao longo do texto, a valorização do jornalista aos mais diversos níveis: pena, desencanto, revolta admiração, nostalgia...

Como defende Jorge Pedro Sousa (1994, p45) "Na reportagem cabe a valoração. O jornalista pode jogar com a entoação de voz, entre outros recursos, para vincar o seu ponto de vista perante o acontecimento."

Se o objectivo da reportagem era mostrar o dia a dia dos sem abrigo, dos toxicodependentes, dos pobres, pensa-se que foi apresentado o essencial. O agrupamento das representações fragmentadas da realidade feita pelo jornalista esclareceu o ouvinte, permitindo que este reconstruísse, ele próprio, a realidade.

No que respeita aos erros verificados em termos de estrutura gramatical, são os mesmos que se encontram nos outros géneros apresentados:

- Frases muito longas,
- Não se respeita a estrutura linear sujeito-verbo-complemento,
- Frases intercaladas,
- Pronomes demonstrativos...

No que concerne aos registos magnéticos apresentados na peça, estes foram fundamentais para o esclarecimento do ouvinte, exercendo também a função de chamar a atenção.

No que respeita à sua qualidade sonora, esta nem sempre se verificou. Um exemplo é a primeira declaração, que foi totalmente imperceptível sem que a jornalista esclarecesse o que foi dito e, "se o RM for um pouco confuso, o jornalista deve (...) clarificá-lo." (Sousa, 1994, p.33).

A forma como o jornalista intervém antes e depois do RM também não é a mais correcta. Apesar dos lançamentos serem feitos correctamente, com a identificação do interveniente e apresentação do que vai ser dito, os rodapés não existem e, o jornalista deve intervir depois do RM de forma a contextualizá-lo." (Jorge Pedro Sousa, 1994, p.33).

imagem o mais verosímil possível da realidade, sendo estes, os substitutos da imagem visual.

Embora este meio tenha inúmeros factores a seu favor isso não significa que seja perfeito em termos de compreensão das mensagens. Muitos erros se cometem na redacção dos textos radiofónicos que condicionam o entendimento por parte do ouvinte. O texto radiofónico deve ser elaborado para ser ouvido e não lido por isso, a simplicidade e a clareza são elementos imprescindíveis para não confundir o ouvinte. Sendo um meio que carece de imagem visual, deveria apostar em força na simplicidade e clareza das mensagens bem como na forma coloquial como as transmite ao público.

A rádio Fundação é uma rádio local generalista. O entretenimento ocupa mais de metade dos conteúdos da sua programação no entanto, os programas informativos também desempenham um papel importante, tendo os seus espaços bem definidos.

Na totalidade, a rádio Fundação tem 13 blocos noticiosos por dia em que um deles é mais alargado, o “*Radiografias*”. Para além dos noticiários, a entrevista, a reportagem, a crónica e a revista de imprensa são, também, géneros apresentados durante as emissões. Embora não tenham um espaço reservado, excepto a crónica e a revista de imprensa, sempre que os acontecimentos o justificam, interrompe-se a programação para os incluir na grelha.

Relativamente bem equipada a nível técnico e físico, trabalham, actualmente, na Rádio Fundação catorze pessoas das quais seis jornalistas. Diariamente todos os jornalistas fazem o trabalho de agenda, ou seja, para obterem material noticioso, no início e no fim do dia contactam com a PSP, GNR, Bombeiros...Para obterem informações a nível nacional e internacional recorrem ao *site* da agência Lusa.

O número reduzido de pessoas a trabalhar na informação e sem conhecimentos académicos no que respeita às regras de redacção de informação radiofónica construção de uma notícia ou dos outros géneros, traz consequências graves para a compreensão da mensagem. No entanto, o conhecimento empírico possibilita que a rádio continue a funcionar com estabilidade.

BIBLIOGRAFIA

Albertos, J. L. Martinez, (1993). *Curso general de Redacción Periodística*. 2ª Edição. Madrid, Editorial Paraninfo.

Benito, Angel, (1991). *Diccionario de Ciencias y Técnicas de la Comunicación*. Cidade Editora

Chantler, Paul e Harris, Sim, (1992). *Radiojornalismo*. São Paulo, Summus Editorial.

Cazeneuve, Jean (1976). *Guia Alfabético das Comunicações de Massa*. Lisboa, Edições setenta.

Eduardo, Meditsh (1999). *A Rádio na Era da Informação*. Cidade, Coleção Comunicação, Minerva.

Gomes, Adelino, *Jornalismo ao Vivo*,. Lisboa, Emcomedi.

Herreros, Mariano Cebrián, (). *Información Audiovisual: Concepto, Técnica, Expresión y Aplicaciones*. Editorial Sintesis, Madrid

Letria, José e Goulão José (1982). *Noções de Jornalismo*. Lisboa, Livros Horizonte.

Lavoine, Yves, (1980). *A Rádio*. Lisboa, Coleção Trimédia, Vega.

Lopes, Victor Silva, (1982). *Iniciação ao Jornalismo Audiovisual*. Lisboa, Centro do livro Brasileiro.

Lopés, Manuel Recuevo, (1990). *Acústica de Estúdios para Grabación Sonora*. CIDADE Instituto Oficial de Rádio y Televisión.

Ortrivana, Gisela Swetlana, (1985). *A Informação no Rádio*. 3ª Edição. São Paulo, Summus Editorial.

Perez, Arturo Merayo, (1992). *Para Entender la Radio*. Salamanca, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca.

Porchat, Maria Elisa, (19893). *Manual de Radiojornalismo Jovem Pan*. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática.

Prado, Emílio, (1985). *Estrutura da Informação Radiofônica*. 2ª Edição. São Paulo, Summus Editorial.

Sousa, Jorge Pedro, (1994). *Elementos de Radiojornalismo e Telejornalismo*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Anexos

NOTICIÁRIO DO DIA 11/12/00

HORAS: 9h.00m

SUMÁRIO

- "Um morto e dois feridos graves é o balanço de um acidente ocorrido na Circular Urbana de Guimarães.
- Os maquinistas da CP tornam a paralisar. Os maquinistas iniciaram às zero horas de hoje uma greve que se vai prolongar até à próxima Sexta feira.
- Portugal conseguiu o melhor resultado possível na cimeira de Nice. Esta é a ideia transmitida pelo Primeiro Ministro português.

Um morto e dois feridos graves é o balanço de um acidente ocorrido, ontem, na Circular Urbana de Guimarães, na zona da Atouguia. Um jovem de vinte e dois anos, residente em Santo Tirso, não resistiu aos ferimentos, ao ser cuspidos pelo vidro traseiro. O rapaz perdeu o controlo da sua viatura, um Opel Corsa, tendo sofrido, de seguida, um embate da viatura que seguia atrás no mesmo sentido, Fafe - Guimarães. O choque ocorreu pouco passava das nove da noite e provocou ainda mais dois feridos graves, uma rapariga também residente em Santo Tirso e um rapaz de Felgueiras, ambos na casa dos vinte anos, de acordo com a policia.

Os maquinistas da CP voltam a paralisar. Os maquinistas iniciaram às zero horas de hoje uma greve que se vai prolongar até Sexta feira. Em causa está a defesa de um novo regulamento de carreiras. Durante cinco dias os comboios param entre as vinte e uma e trinta e as seis e trinta da manhã. Os funcionários queixam-se que a CP fez depender as negociações de um novo regulamento de carreiras de várias exigências. Durante o período de greve, os maquinistas vão recusar-se a conduzir todos os comboios Alfa, Inter-cidades, pendulares e Internacionais. A CP prevê também problemas na circulação nos suburbanos de Lisboa, Porto e Figueira da Foz e dos inter-regionais e regionais. Para minimizar os efeitos da greve vão ser colocados autocarros à disposição dos utentes dos suburbanos do Porto e também de Lisboa.

Portugal conseguiu o melhor resultado possível na cimeira de Nice. Esta é a ideia transmitida pelo Primeiro Ministro português. Depois do braço de ferro entre pequenos e grandes países, que terminou esta madrugada, António Guterres reconheceu que Nice aprovou não o melhor mas um bom tratado. Em causa nesta cimeira esteve a repartição dos poderes na União Europeia, para um alargamento das quinze a mais doze membros. Segundo Guterres o

resultado final da cimeira traduz um equilíbrio razoável entre estados de pequena e média dimensão. Em Nice decorreu justamente uma das mais difíceis cimeiras da União Europeia por causa da repartição de poderes. Em uma mesa esteve uma importante reforma comunitária para abrir caminho a novos inquilinos, dez países de Leste e as ilhas de Chipre e Malta. Assim, Portugal vai passar a dispor de doze votos no Conselho de ministros da União e perde cinco dos actuais vinte e cinco euro deputados. A ponderação dos votos foi feita com base na população de cada país. O grande bloco de países como a Alemanha e França passam de dez votos para vinte e nove. A surpresa nesta cimeira veio de Espanha que subiu de oito para vinte e sete votos. Com o mesmo número de votos de Portugal estão os membros como a Grécia, a Bélgica e a República Checa. O Luxemburgo, por exemplo, que tem perto de quatrocentos e trinta mil habitantes, duplica os votos para quatro."

NOTÍCIA DE 21/12/00

HORA: 15h.00m

Na freguesia de Selho, S. Cristóvão, a população está revoltada com a falta de segurança. Só esta semana já ocorreram três assaltos, o último ocorreu esta madrugada, nas escolas primárias.

Os assaltantes levaram todo o material informático, equipamento audiovisual, arrombaram portas e partiram vidros. Os prejuízos ascendem o meio milhar de contos.

O presidente da Junta de Freguesia, António Araújo está inconformado com esta situação e indignado com a inoperância de governador Civil. O autarca exige medidas que passam, por exemplo, pela instalação, em Pevidém de uma sub-unidade da PSP:

RM: Nós estamos aqui numa zona que tem cerca de vinte e cinco mil habitantes, nestas quatro ou cinco freguesias aqui à volta. Temos aqui a circular, diariamente, cerca de dez a doze mil trabalhadores que vêm de outras freguesias, que vêm para cá e não temos condições nenhuma para que se dê garantias à população que está segura. Por muito esforço que a PSP de Guimarães tenha feito, e eu reconheço que ultimamente até tem patrulado mais a área da minha freguesia. Por muito esforço que tenha sido feito pelo senhor comandante de Lordelo, que é uma pessoa que tem tido dedicação, para além das possibilidades que eles têm, que também têm feito cá patrulha, o certo é que se chega às horas da noite e não está cá ninguém...e eu temo. Porque, digamos, isto só numa semana são três. Há um mês atrás foi a igreja, foi tudo assaltado e eu temo.

Há pessoas desta freguesia proprietárias que estão desesperadas e que já me confidenciaram que, se se apercebem de voltar a ser assaltados, atiram a matar. E eu não queria que isto acontecesse na minha freguesia, pelo amor de Deus.

Eu queria que as entidades próprias se assumissem na responsabilidade de ver que isto está mal e não é só passar ao papel que há que ser resolvido, que solenidade, esta solenidade já anda há anos e anos e, por este caminho não se faz nada e a população é

REVISTA DE IMPRENSA DE 12/12/00

HORAS: 7h.30m

No Correio do Minho formação extra escolar receberá vinte milhões, esta é a manchete. Investir na formação dos Portugueses, reconhecendo-lhes as competências adquiridas em contexto extra escolar, concretamente ao longo da vida profissional é o principal objectivo da rede nacional de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. Um nome assim estranhíssimo, complicado, uma parandonga. No fundo o que é que isto quer dizer: esta rede tem como objectivo investir na formação dos portugueses. É uma rede que foi apresentada ontem, em Braga, e contou com a presença do Ministro Ferro Rodrigues e nesta rede vão ser investidos cerca de vinte milhões de contos até 2006.

Nos Arcos continuam as buscas, passado cinco dias, desde que a tragédia se abateu em forma de tromba de água. A população de Frades nos Arcos de Valdevez continua as operações para resgatar um quarto e último corpo que se presume que esteja soterrado nos escombros da enxurrada. Em Famalicão Pousada boicota eleições é uma pergunta que fica em primeira página no Correio do Minho.

PP pede demissão de Moniz. Nuno Melo volta à carga, ou é governador civil ou é candidato à câmara de Famalicão. Nestes termos, o Presidente da Comissão Política distrital de Braga exigiu ontem a demissão de Fernando Moniz das funções de representante do governo. O líder distrital do CDSPP acusou o Governador Civil de Braga de instrumentalizar o exercício deste cargo público em benefício próprio, ou seja, a favor da sua candidatura à presidência da câmara de Famalicão nas eleições autárquicas do próximo ano. A federação do Partido Socialista de Braga reage hoje.

Autarcas e idosos conhecem efeitos do Euro no âmbito de um Protocolo de Cooperação estabelecido entre a Comissão Nacional do Euro e a Associação Nacional de Freguesias. A Fundação Cartão do Idoso realizou, ontem, uma acção de formação temática sobre o Euro no Parque de Exposições de Braga a propósito de que todas aquelas burlas e fraudes que têm acontecido aos mais idosos e pessoas, idosos que estão concretamente mal informados sobre o Euro.

Diário do Minho traz em manchete "Portugal combate défice de qualificações". O Ministro da Educação, Augusto Santos Silva pediu ontem o empenho da sociedade civil e de quem beneficia com a qualificação das pessoas no sentido de combater o atraso a nível da educação que existe no país.

"Comércio de Fafe sem luz no Natal", a cidade de Fafe não vai ter o mesmo brilho de outras quadras natalícias. A Associação Comercial e Industrial não se quer endividar e afirma não ter capacidade financeira para assegurar os custos das iluminações.

Câmara de Famalicão zangada com a Electricidade do Norte. A Câmara de Famalicão acusa a Electricidade do Norte de pouco eficácia porque não respondeu com celeridade à falta de energia provocada pela intempérie sentida na semana passada. De resto, a Associação Nacional de Municípios já protestou também a propósito desta notícia que vem no Diário do Minho. Fique a saber que a Associação Nacional de Municípios já protestou ao nível nacional contra a falta de eficácia que a electricidade do Norte, EDP, mostrou ter durante o último temporal, ou alegadamente, mostrou ter durante o último temporal.

Universidade do Minho debate filosofia e religião, o Departamento de Filosofia e Cultura do Instituto de letras e ciências humanas da Universidade do Minho promove Sexta feira o colóquio "Filosofia e Religião, Cumplicidades e Tensões.

Por último, "CDS PP convida Moniz a sair", o mesmo destaque que o Diário do Minho, que o Correio do Minho, perdão. Amares quer hospital de retaguarda. Os dois candidatos a provedor da misericórdia de Amares colocam à cabeça dos seus projectos a criação de um hospital de retaguarda.

Jornal de Notícias traz em Manchete "Gestores hospitalares com salários a mais - recebem ilegalmente 14 ordenados quando só têm direito a 12."

Pedregulho afunda comboio, uma imagem bem elucidativa do que aconteceu na linha do Tua. O descarrilamento do comboio.

Empresário de Valongo morto a tiro por causa de negócios.

Populações de Souselas e Outão levantam-se de novo contra a co-incineração. Com certeza a propósito do parecer do grupo médico que disse que não haveria qualquer problema em levar para Souselas e Outão, qualquer problema ao nível da saúde pública com a incineração. A maior parte dos médicos votou a favor, apenas um médico de Coimbra votou contra.

Ainda claro está o desporto. Luís Figo só número dois . Futebol Clube do Porto mais folgado. Já se esperava este resultado para o jogador português Luís Figo.

Diário de Notícias "Comissão com a incineração avança para Souselas e Outão. Relatório médico é favorável ao projecto do governo já foi entregue à comissão científica nomeada pelo parlamento. Deputado Manuel Alegre já afirmou que está contra e o PSD também não aceita.

A fotografia de primeira página do Diário de Notícias também é a do descarrilamento do comboio na linha do Tua. O corpo do maquinista do comboio que ontem descarrilou na linha do Douro foi retirado por mergulhadores a meio da tarde do interior da composição que conduzia e que caiu ao rio Teixeira. O acidente ocorreu às 7.20 junto da ponte da Ermida, em Baião e foi provocado por um aluimento de pedras que obstruíram a linha. Mais uma vítima do mau tempo.

Pelo futebol, Luís Figo, segundo melhor em 2000, Zidane Melhor do mundo em 2000. Jogador FIFA do século é Pélé, Maradona, jogador Internet do século e melhor clube do século é o Real Madrid.

Eu fiquei particularmente indignada com a escolha da melhor selecção. Foi a da Holanda. Gostava de saber quais foram os critérios que estiveram na base da escolha da selecção da Holanda. Portugal goleou a Holanda de uma forma... Se fosse a França eu até compreendia, não é... melhor do mundo, melhor da Europa... mas pronto...

País do Mário fartos do Big Brother... " Queremos o nosso filho de volta", isto claro está, só poderíamos estar a falar na manchete do 24 Horas. Ainda a propósito do Mário, para quem não sabe, o Herman José vai levar o Mário a jantar fora....Isto porque o Herman José fez aquela caricatura do Mário, depois o Mário foi lembrar-se de dizer que gostava muito do Herman José. Ele ficou tão sensibilizado com este estalo de luva branca que acabou por levar

a família do Mário a jantar fora e prometer que logo que o Mário saia da casa que o vai levar a jantar fora.

Médicos aprovam co-incineração, relatório só teve um voto contra o destaque do desporto, Eusébio terceiro melhor do século, a gala da FIFA que se realizou em Roma. Figo segundo melhor do ano, "Sporting Rijkaarte à espera de convite.

Um morto na linha do Douro é o último destaque de primeira página no 24 horas.

Jornal
Notícias
TERÇA 12 DE DEZEMBRO DE 2000

JORNAL OFICIAL
Porto
2001
1ª ANÁLISE DA MÍDIA DE PORTO
DIRETOR
FREDERICO MARTINS MENDES
DIRETOR DE ADVERT. E MARKETING
JOSE LEME PEREIRA
ALFREDO LEME
RUA DO IVA
PRÉCIO ANUAL NO 100500. 000.
DIÁRIO FUNDADO EM 1888
www.jn.pt

Desporto
Luís Figo
"só" número 2

F.C. Porto
mais folgado

PÁG. 12

Gestores hospitalares com salários a mais

Recebem ilegalmente 14 ordenados quando só têm direito a doze



PÁG. 20
Pedregulho afunda comboio

PÁG. 5

Empresário de Valongo morto a tiro por causa de negócios

PÁG. 17

Populações de Souselas e Outão levantam-se de novo contra co-incineração

Levi's
800
o 1A cupão na última

GRANDE POITO PÁG. 3

Câmara do Porto tem 43 milhões para usar em 2001

EM 12 DEZEMBRO PÁG. 4

Desalojados das Fontainhas vão para o Centro Histórico

POLÍTICA DE 2001 PÁG. 3

Armando Vara iliba Jorge Coelho no caso da Fundação

PAIS PÁG. 28

Advogado apanha dez anos por pedofilia



Invista em si e poupe no IRvesSS!

TODOS OS RANCOS IIE ASSEGURAM A MESMA DEDUÇÃO MAS NEM TODOS A MÁXIMA RENTABILIDADE.

PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO
PLANO	PLANO	PLANO

CRÉDITO PORTUGAL

www.ccppt.pt
T 203 298 298

Correio do Minho



DIÁRIO
TERÇA, 2 DEZEMBRO 2001
ANO LV, Nº 21.612

DIRECTOR
A. COSTA GUIMARÃES

Em todas as operações bancárias
BNC
Banco Nacional de Crédito
Fundação

▼ DENTRO ▼ Nos Arcos: continuam as buscas

Passados 5 dias desde que a tragédia se abateu em forma de tromba de água, lama e pedras sobre a população de Frades, nos Arcos de Valdevez, as operações para resgatar um quinto e último corpo, que se presume esteja soterrado nos escombros da estrada, continuam no terreno. A população de Frades continua apreensiva sobre a segurança do local e aguarda com expectativa o parecer dos técnicos de geologia no terreno.

Página 19

Famalição: Pousada boicota eleições?

As eleições presidenciais, marcadas para 14 de Janeiro do próximo ano, podem vir a ser boicotadas na freguesia de Pousada de Saramagos, concelho de Vila Nova de Famalição, por iniciativa de uma associação da localidade.

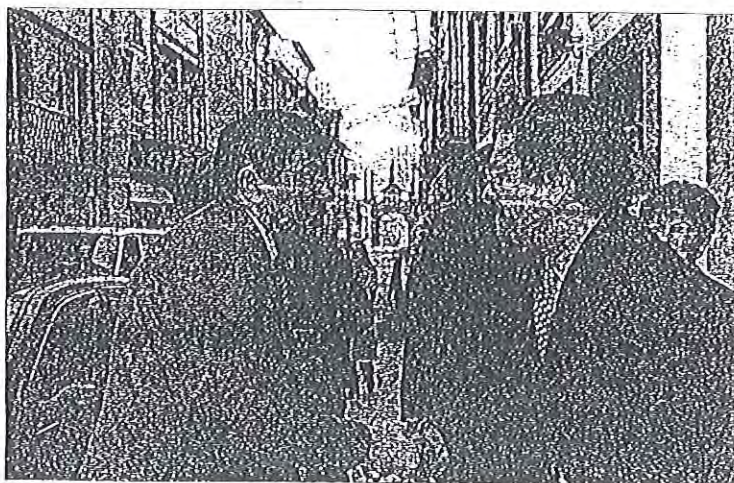
Este é o caminho em contrário pela Associação Desportiva e Recreativa Outeirense para fazer valer a sua pretensão quanto a um direito sobre um terreno pertencente à Câmara.

Página 16

JANES SPORT
Largo S. João do Souto

Hammerhead
Largo S. João do Souto

Formação extra-escolar receberá vinte milhões



Presidente da Associação Comercial de Braga cumprimenta o ministro Ferro Rodrigues

Investir na formação dos portugueses é uma das prioridades da Comissão Europeia, e a política em matéria de educação é uma das prioridades ao longo do século XXI. É o principal objectivo da rede nacional de Centros de Recrutamento, Avaliação e Certificação, onde a Fundação para a Formação em Ciências Sociais, em parceria com a Associação Comercial de Braga, vai desenvolver um projecto de formação.

A Associação Comercial de Braga e a Associação Comercial do Alto Minho, em parceria com a Fundação para a Formação em Ciências Sociais, vão desenvolver um projecto de formação, no âmbito do Centro de Recrutamento, Avaliação e Certificação, onde a Fundação para a Formação em Ciências Sociais, em parceria com a Associação Comercial de Braga, vai desenvolver um projecto de formação.

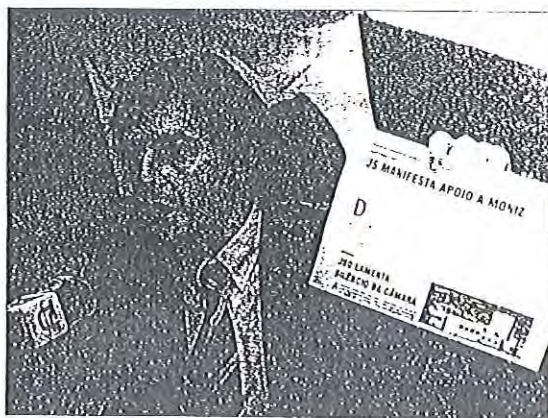
A formação em Ciências Sociais é uma das prioridades da Comissão Europeia, e a política em matéria de educação é uma das prioridades ao longo do século XXI.

Página 8

PP pede demissão de Moniz

"Ou é governador civil ou é candidato à Câmara de Famalição". Nestes termos, o presidente da comissão política distrital de Braga do CDS/PP, exigiu ontem a demissão de Fernando Moniz das funções de representante do Governo. O líder distrital do CDS/PP acusou o governador civil de Braga de instrumentalizar o exercício deste cargo público "em benefício próprio", ou seja, a favor da sua candidatura à presidência da Câmara de Famalição, nas eleições autárquicas do próximo ano. A Federação do PS/Braga reage hoje.

Página 4



Nuno Melo mostra documentação a fundamentar o seu pedido

do Minho

No âmbito de um protocolo de cooperação estabelecido entre a Comissão Nacional do Eleitorado do Norte e a Associação Nacional das Freguesias, a Fundação Católica do Norte realizou ontem, com as juntas de freguesia do Distrito de Braga, uma reunião de trabalho sobre a organização do Eleitorado. Trata-se de formar estes responsáveis políticos para que eles consigam transmitir mais informação aos eleitores e testar a percepção das suas freguesias.

Páginas 5 e 19

Carclasse - Comércio de Automóveis, S.A.

BRAGA
E.N. 101 (Braga - Guimarães)
Tel. 253 240 010 - Fax 253 240 019

GUIMARÃES
A2, D. João IV, nº 203-207
Tel. 253 414 178 - Fax 253 414 281

ESBARCELOS
E.N. 102 (Braga - Espinho)
Tel. 253 809 900 - Fax 253 809 919

VIANA DO CASTELO
S. Romão do Mel - Viana do Castelo
Tel. 258 351 654 - Fax 258 351 655

FAMALIÇÃO
Brevemente
cf. instalações, fotografias e...

Concessionário OFICIAL Mercedes-Benz para o Minho • E-mail: info.carclasse@mercedes-benz.pt

Director Interino: João Ferreira

24 horas

100\$00 (€0,50)
(IVA incluída)

Ano 3 • N.º 949 • Terça-feira, 12 de Dezembro de 2000

COMBOIO CAIU AO RIO

Um morto na Linha do Douro

RELATÓRIO SÓ TEVE UM VOTO CONTRA

Médicos aprovam co-incineração

pág. 7

HOJE 8.º CUPÃO

A BOLA DOS CAMPEÕES

OFERTA DE BOLAS ASSINADAS POR

EUSÉBIO



EUSÉBIO

Terceiro melhor do século

pág. 21



FIGO

Segundo melhor do ano

pág. 21

SPORTING

Rijkaard à espera de convite

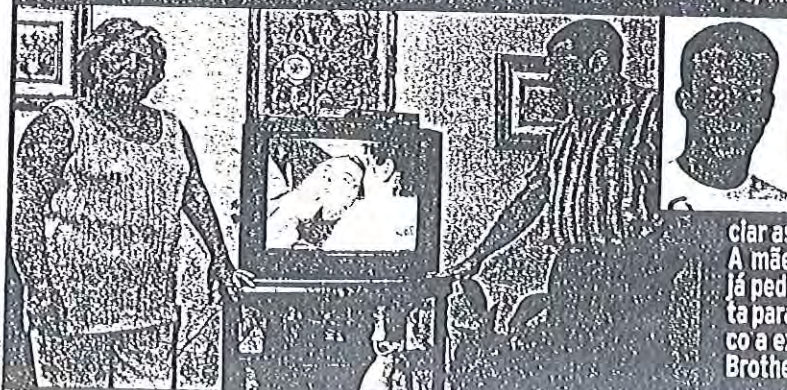
pág. 26

Pais do Mário fartos do **Big Brother**

"Queremos o nosso filho de volta"

☛ A casa de São Mamede de Infesta está a postos para receber o Mário na próxima madrugada. Os pais do lolro, Maria do Céu e Má-

rio Ribeiro (na foto), dizem-se fartos de ler coisas desagradáveis sobre o filho e acusam a Endemol de "violar as regras do jogo". A mãe do concorrente já pediu até a Santa Rita para a ajudar o público a expulsá-lo do "Big Brother".



págs. 42 e 43

Diário de Notícias

www.dn.pt

UNICLON: MÁRIO DE LIMA DE MORAES P. 54-55 | DIRECTOR ADJUNTO: ANTONIO BIEIRO E FERRA | PREÇO (IVA INCLuíDA) 1005 - 0,5 EURO | ANO 136.º Nº 48 111 - TERÇA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2000

CAETANO VELOSO
Disco do cantor brasileiro já está na Internet
PÁGINA 40



PROSTITUIÇÃO
Net facilita contactos 24 horas por dia
PÁGINAS 16 E 17



O «KAÏROS» E O ESPECTRO
Carrilho diz que Nice deixa projecto europeu em riscos de implosão
PÁGINA 21



COMISSÃO

Co-incineração avança para Souselas e Outão

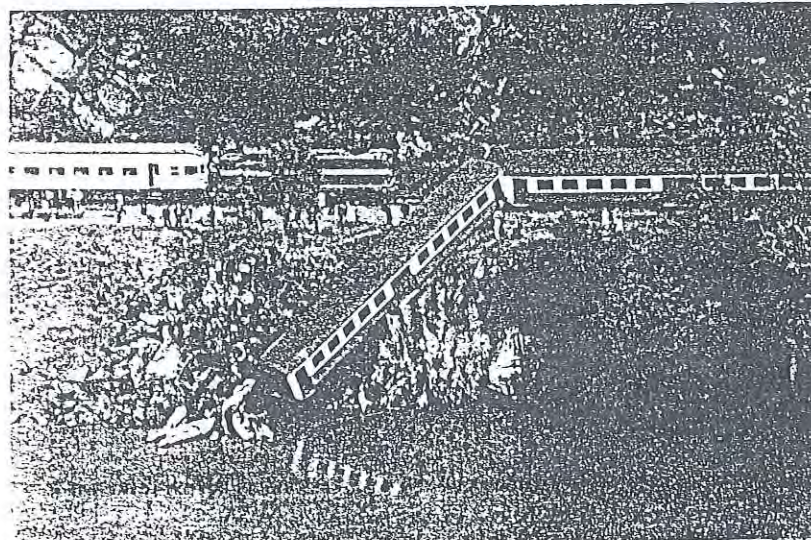
Relatório médico é favorável ao projecto do Governo e já foi entregue à Comissão Científica nomeada pelo Parlamento. Deputado Manuel Alegre já reafirmou que está contra e o PSD também não aceita

■ O relatório médico sobre a co-incineração dá luz verde ao arranque do processo para Souselas e Outão. A Comissão Científica Independente, nomeada pela Assembleia da Res-

pública para dar parecer sobre a co-incineração, já recebeu o parecer dos médicos sobre o impacto na saúde humana. A conclusão é favorável à decisão do Governo, afirmando que

«o nível actual dos conhecimentos a co-incineração, em condições óptimas, não prejudica a saúde humana e que devidamente monitorizada é um processo reversível, logo que de-

tectadas anomalias». O deputado socialista Manuel Alegre já fez saber que se mantém contra o projecto da co-incineração e o PSD também contesta. **Página 24**



DESASTRE. O corpo do maquinista do comboio que ontem descarrilou na linha do Douro foi retirado por mergulhadores, a meio da tarde, do interior da composição que conduzia e que caiu ao rio Teixeira, afluente do Douro. O acidente ocorreu às 7 e 20, junto da Ponte da Ermida, em Baião, e foi provocado por um aluimento de pedras que obstruíram a linha. Mais uma vítima do mau tempo. **Página 25**

Futebol



Segundo melhor em 2000

LUÍS FIGO



Melhor do mundo em 2000

ZIDANE



Jogador FIFA do século

PELÉ



Jogador Internet do século

MARADONA



Melhor clube do século

REAL MADRID

Páginas 30 e 31

IMAGENS DO SÉCULO NO MUNDO

GRATIS

Hoje com o DN as fotos n.º 101 e 121 para o seu livro



O seu crédito habitação já não é o que lhe prometeram

Desla vez, fale com o especialista.



CREDITO PREDIAL PORTUGUES

Resposta imediata

808 298 298

a todas as suas dúvidas.

CRÓNICA APRESENTADA EM 21/12/00

HORA: 12h:00m

Freguesia de Arosa pertence definitivamente ao concelho de Guimarães há pouco mais de um século visto que, esteve integrada no concelho de Póvoa de Lanhoso, entre os anos de 1895 e 1898, data em que regressou ao concelho primitivo. É uma pequena circunscrição distante 18 quilómetros da sede do nosso concelho mas, nem por isso, menos digna de atenção e respeito que constitui um enclave naquele concelho de Póvoa de Lanhoso, confinando com a freguesia de Garfe. Freguesia esta que, entre 14 de Agosto de 1895 e 13 de Janeiro de 1898 pertenceu, por sua vez, ao concelho de Guimarães, regressando então, ao originário concelho de Lanhoso.

Desde há vários anos a esta parte, vão surgindo aqui e ali notícias de que a Câmara da Póvoa de Lanhoso, em virtude de indefinição de demarcações daquela zona, vem exercendo acções de soberania dominial sobre as terras de Arosa, legalizando e arrogando o seu direito de fazer construções feitas bem dentro da terra do concelho de Guimarães. Tais acções aliás, nem sempre terão sido resultado de condutas intencionais do Município vizinho mas, de residentes da Freguesia de Arosa que, procurando agilizar procedimentos então ainda sem necessidade de recorrerem à figura das fundações, que parece agora, mais apetecível para o efeito se dirigirem à Póvoa de Lanhoso, onde uma maior permissividade dos serviços lhes assegura o vencimento de pretensões que aqui não iriam por diante.

Os rumores em causa nunca foram esclarecidos mas, também não foram julgados como deviam ter sido. Antes que se convertessem, como se converteram já em preocupações maiores.

É que o conflito latente agudizou-se. A Junta de Freguesia de Arosa tornou público que, sendo proprietária de um terreno situado no lugar de Vieira da Macieira que ela própria adquiriu em termos de direito privado. Acontece que a Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso se reivindica a propriedade desse terreno, alegando tê-lo adquirido por doação de Junta de Freguesia de Garfe. E este conflito está suscitado nos próprios tribunais mas, confina-se aí, a uma questão de puro direito privado.

O tribunal poderá vir a definir quem é o proprietário do terreno em causa mas, não em que freguesia ela se situa visto que, esta questão tem subjacente uma verdadeira questão de direito público que carece de uma resolução urgente, cuidada e imediata, até porque a Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso já anunciou para o local a construção de habitação social e apresentou esse projecto oficialmente com peneplaso do governo.

Ora, após algumas hesitações decorrentes da formulação contida na lei 11/82 de Junho, que parecia fixar na Assembleia da República a competência para diminuir os conflitos entre freguesias, no que respeita aos seus respectivos limites, viria a ser estabelecida a orientação que é hoje pacífica e sufragada pelo parecer de Comissão Parlamentar de administração Interna e poder local de 15 de Janeiro de 1986, publicada no Diário das Sessões da Assembleia da República, 1ª Série, Nº35, em 22 de Fevereiro de 1986, de que cabe aos tribunais julgar esses diferendos e restituir os limites entre freguesias à configuração pré-existente de harmonia com os títulos e outras formas documentais e provatórias.

Torna-se pois necessário, de uma vez por todas, o município de Guimarães e a Junta de Freguesia de Arosa, tomem a iniciativa de solucionar esta questão com o município de Póvoa de Lanhoso e a Junta de Freguesia de Garfe.

Se possível consensualmente, através de títulos e designadamente cartas militares disponíveis. Mas sem hesitar se por necessário em partir para os tribunais de contencioso comum para resolver definitivamente esta questão. A defesa de integridade do concelho exige medidas urgentes aí e por ventura, noutros lugares. Para que não suceda, chegando-se a um ponto crucial de não retorno, não tenha sido preparado o necessário caminho para impedir a irremediável perda do território autárquico, é que não era a primeira vez. E gato escaldado de água fria tem medo.

REPORTAGEM APRESENTADA EM 23/12/00

HORA: 12h:00m

Está aí mais um natal. Enquanto a maior parte das pessoas se preparam para um fim de semana de animados banquetes, alguns seres humanos, bem perto de nós, repartem migalhas, no fio da navalha, uma reportagem de Emília Oliveira.

De fora, a casa parecia estar desabitada, de tal forma era elevado o grau de degradação. O Sr. José- vamos chamar-lhe assim- recebeu a equipa da fraterna com visível felicidade. Literalmente aos saltos e por entre passos de dança, o Sr. José encaminhou as técnicas e a repórter para a sua escura cozinha, quase tão escura como a sua roupa.

Todos os meses, a Fraterna- Centro Comunitário de Solidariedade e Integração Social- visita cerca de 200 famílias do concelho, a quem entrega um cabaz de alimentos. Para além do apoio domiciliário, o banco alimentar é, sem dúvida a maior ocupação da Fraterna. Os primeiros 15 dias do mês são passados a distribuir os alimentos, os restantes 15 a obtê-los. O levantamento das famílias carenciadas é feito em colaboração com párocos e juntas de freguesia. As origens das carências são as mais variadas...desde doenças até ao simples facto de se ter ficado velho de mais para ganhar a vida.

É o caso do Sr. José, que só através de um leve e doce loucura se consegue desligar da realidade e ser feliz. No meio das batatas, panelas e lenha- tudo no chão da cozinha- o Sr. José contou-nos que é um herói, que combateu na guerra colonial e que por isso- e só por isso- as meninas da Fraterna o vêm visitar- um sinal de reconhecimento do estado português ao seu herói.

RM: Imperceptível.

José considera-se um herói e é-o de facto. Muito mais do que imagina, porque todos os dias combate a solidão, e talvez por isso seja para ele mais importante que um cabaz, a companhia que as técnicas da Fraterna lhe fazem um vez por mês. Fora isso, e não teria mais ninguém

Tu... não existe nenhuma forma de te aproximares da tua família?

RM: A minha família é o seguinte...sabe que eu ando neste vício...que eu apanhei esta vício assim e não querem saber nada de mim. E eu então, governo a minha vida assim.

Como é que é o teu dia a dia? Acordas e o que é que fazes?

RM: Acordo, agarro, levanto-me, vou para ali para o parque. Faço um conto ou dois, vou comprar heroína, que isto é mesmo assim, consumo e venho para aqui para dentro da carrinha...consumo...E ao fim de consumir, torno a ir para ali e passo o meu dia a dia...é sempre assim.

E como passam estes Josés o natal?

RM: Coitado de mim...É uma vida triste...É ali na casa dos pobres...Ali na casa dos pobres. O Natal é passado lá.

O caso destes Josés é bem mais complicado, é o ciclo vicioso. Santos Silva, do Centro de Atendimento a toxicodependentes, explica que casos destes dificilmente têm solução. Não existindo um local que possa dar provimento às necessidades básicas dos sem abrigo como a higiene ou a dormida, é quase impossível conseguir vencer uma batalha tão grande, como a toxicodependência:

RM: Um atendimento de dia é um programa de atendimento, é um programa de tratamento que tem que reunir competências que muitas vezes os sem abrigo não têm porque, não estão satisfeitas as necessidades básicas para qualquer ser humano. Não é razoável nós diagnosticarmos qualquer situação, seja ela médica, seja social ou psicológica e não tenhamos a possibilidade de, depois desta situação diagnosticada, a encaminhar para uma estrutura habilitada para lhe dar uma resposta adequada.

Surgiu na Europa uma orientação no sentido de se criarem programas de redução de riscos e danos, que têm como um dos objectivos a satisfação das tais necessidades básicas dos sem

abrigo. Em Portugal existem apenas duas estruturas deste tipo, em Lisboa e no Porto. Santos Silva revela qual a função dessas estruturas:

RM: A função dessas estruturas é acolher cidadãos . Dar-lhes respostas imediatas para as necessidades mais básicas e fazer um levantamento diagnóstico das necessidades ----- diferenciados de que essa população carece. E, depois, Ter, de facto, mecanismos que permitam encaminhamento.

Mas essas estruturas não existem em Guimarães, nem sequer em Braga, embora as respostas de risco e danos estejam previstas na estratégia nacional de luta contra a droga. É preciso que alguém dê o primeiro passo. Em Fafe, por exemplo, a Câmara Municipal está a servir de motor de arranque para um projecto de redução de riscos e danos, em colaboração com várias entidades públicas, entre elas o CAT vimaranense. Mas em Guimarães... ninguém tomou, até agora, a iniciativa.

Tudo isto se passa numa sociedade cada vez mais fechada em si própria. Para a maior parte das pessoas, os sem abrigo, os toxicodependentes ou alcoólicos são um problema com o qual não sabem nem conseguem lidar:

RM1: Sem abrigo é difícil...Agora, eu até solicitava o seguinte: Não havia mas é necessidade de estarem nos parques a guardar carros. Porque, se a gente não lhes der uma gorjeta, eles por fim arranham os carros. A sociedade para já não está ambientada com esse fenómeno e nem está a calcular que isso venha a ser concebido no futuro. Para já, até está de maneira geral calada...não está a fazer qualquer observação.

RM2: Desperta-me um sentimento de tristeza, de consternação...sei lá... de pobreza, de pena...

Não tem medo deles, por exemplo?

RM2: Não! Medo não tenho! Porque eles não conseguem fazer mal a ninguém. Mal se têm em pé.

Já alguma vez falou com algum sem abrigo?

RM2: Não. Ainda não.

RM3: Pena, revolta...mais uma revolta por saber que há pessoas assim no mundo não é? Quando nós estamos bem no mundo e eles não...é uma revolta.

RM4: Acho que por vezes têm medo, afastam-se, ignoram. Acho que é um bocado isso...ignorância por completo.

Porque é que será que as pessoas reagem assim?

RM4: Não sei. Talvez...sinceramente eu não tenho nojo mas, vejo que muitas vezes as pessoas têm nojo se um mendigo está na rua. Acho que as pessoas afastam-se logo.

Portanto, na prática, os sem abrigo de Guimarães não têm a quem recorrer. A chamada "casa dos pobres" dá-lhes de comer. Isso é suficiente para descansar algumas consciências mas, a verdade, é que os sem abrigo não vivem...sobrevivem e, por isso, vão continuar a arrumar carros, a criminalidade vai continuar a aumentar, a insegurança continuará a dilatar-se, a pobreza a crescer ao ritmo da necessidade, tudo nas mesmas proporções em que alguns seres humanos contra uma sociedade estática, dormente, que só acorda quando o mal lhe bate directamente à porta.

Até lá, ficam palavras que batem mais forte que martelos, para as Marias e os Josés da região. Carlos Drumond de Andrade, por Liliana Costa:

RM: E Agora José?

A festa acabou. A luz apagou. O povo sumiu. A noite esfriou. E agora José? E agora você? Você que é sem nome. Que zomba dos outros. Você que faz versos. Que ama, protesta E agora José? Está sem mulher. Está sem discurso. Está sem carinho. Já não pode beber. Já não pode comer. Cuspir, já não pode. A noite esfriou. O dia não veio. O bonde não veio. O riso não veio. Não veio a Utopia. E tudo acabou. E tudo fugiu. E tudo mofou. E agora José? Se você gritasse. Se você gemesse. Se você tocasse a valsa Vienense. Se você dormisse. Se você cansasse Se você morresse. Mas você não morre. Você é duro José! Sozinho no escuro. Qual bicho do mato. Sem parede nua para se encostar Sem cavalo preto que fuga a galope. Você marcha José. José para onde?

Como dirá uma das nossas figuras públicas na sua mensagem de Natal: "que os nossos olhos sirvam para ver. Olhar é sempre muito pouco".

Diário do Minho

Director: João Aguiar, Campos Ano LXXXI Número 25464 Diário 100100 Preço 0,50 IVA incluído Nº 476 CAIXA 12 DE DEZEMBRO DE 2000



Portugal combate défice de qualificações



O ministro da Educação, Augusto Santos Silva, pediu ontem o empenho da sociedade civil e de quem beneficia com a qualificação das pessoas, no sentido de combater o «atraso a nível de educação» que existe no nosso país. «Todos temos que nos unir para, no espaço de uma geração, ganhar o desafio da

educação dos nossos adultos», sustentou o governante, que falava no âmbito da cerimónia de lançamento nacional dos primeiros Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, que se realizou na sede da Associação Comercial de Braga.

página 4

CDS/PP convida Moniz a sair

A distrital de Braga do CDS/PP quer ver Fernando Moniz fora do Palácio dos Falcões. Tudo porque o Governador Civil estará a «instrumentalizar» o cargo para lançar a sua anunciada candidatura à Câmara de Famalicão. Se este não se demitir, os populares esperam que o Governo actue. E a Comissão Nacional de Eleições também vai receber uma queixa.

página 6

Amares quer hospital de rectaguarda

Os dois candidatos a provedor da Misericórdia de Amares colocam à cabeça dos seus projectos a criação de um hospital de rectaguarda, que

possa acolher os doentes dependentes, nomeadamente os que se encontram em fase terminal.

página 11

Comércio de Fafe sem luz no Natal

A cidade de Fafe não vai ter o mesmo brilho de outras quadras natalícias. A Associação Comercial e Industrial não se quer endividar e afirma não ter capacidade financeira para assegurar os custos das iluminações.

página 12

Câmara de Famalicão zangada com Electricidade Norte

A Câmara de Famalicão acusa a Electricidade Norte de «pouca eficácia», porque não respondeu com celeridade à falta de energia provocada pela intempérie sentida na passada semana.

página 10

UM debate Filosofia e Religião

O Departamento de Filosofia e Cultura, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, promove sexta-feira o colóquio «Filosofia e Religião: Cumplicidades e Tensões».

página 15



Suplemento
Os pequenos agricultores vão receber ajudas até nove mil contos do programa AGRO.